



INTRODUÇÃO À PSICOPEDAGOGIA

Autoria: Izilene Conceição Amaro Ewald

UNIASSELVI-PÓS
Programa de Pós-Graduação EAD



CENTRO UNIVERSITÁRIO LEONARDO DA VINCI
Rodovia BR 470, Km 71, nº 1.040, Bairro Benedito
Cx. P. 191 - 89.130-000 – INDIAIAL/SC
Fone Fax: (47) 3281-9000/3281-9090

Reitor: Prof. Hermínio Kloch

Diretor UNIASSELVI-PÓS: Prof. Carlos Fabiano Fistarol

Coordenador da Pós-Graduação EAD: Prof. Norberto Siegel

Equipe Multidisciplinar da

Pós-Graduação EAD: Prof.^a Bárbara Pricila Franz

Prof.^a Cláudia Regina Pinto Michelli

Prof.^a Kelly Luana Molinari Corrêa

Prof. Ivan Tesck

Revisão de Conteúdo: Anelise Donaduzzi

Revisão Gramatical: Equipe Produção de Materiais

Diagramação e Capa:

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

Copyright © UNIASSELVI 2016

Ficha catalográfica elaborada na fonte pela Biblioteca Dante Alighieri
UNIASSELVI – Indaial.

370.15

E94i Ewald; Izilene Conceição Amaro

Introdução à psicopedagogia/ Izilene Conceição Amaro

Ewald : UNIASSELVI, 2016.

107 p. : il.

ISBN 978-85-69910-10-7

1.Psicopedagogia.

I. Centro Universitário Leonardo Da Vinci.



Izilene Conceição Amaro Ewald

Licenciada em Normal Superior Séries Iniciais do Ensino Fundamental pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Gestão, Supervisão e Orientação Escolar pelo Instituto Catarinense de Pós-Graduação (ICPG); Especialista em Educação Infantil e Anos Iniciais, Educação a Distância: Gestão e Tutoria e pós-graduanda em Neuropsicopedagogia pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci (UNIASSELVI). Aluna Especial no curso de Pós-Graduação “stricto sensu” – Mestrado em Educação, na disciplina de Tecnologia e Formação de Educadores: Interface com a Temática Educação Sexual, no Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED, na Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. Membro da Associação Brasileira de Psicopedagogia - Seção Santa Catarina, sob o registro n. ABPp-SC 393/2010. Atua como Psicopedagoga Clínica e Institucional e como Professora no curso Magistério.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	07
--------------------	----

CAPÍTULO 1

SURGIMENTO E DEFINIÇÃO DE PSICOPEDAGOGIA.....	09
---	----

CAPÍTULO 2

A ATUAÇÃO DA PSICOPEDAGOGIA	33
-----------------------------------	----

CAPÍTULO 3

APRENDIZAGEM COMO FOCO NORTEADOR DO PROFISSIONAL PSICOPEDAGOGO.....	61
--	----

CAPÍTULO 4

PRINCÍPIOS ÉTICOS DA PSICOPEDAGOGIA.....	85
--	----

APRESENTAÇÃO

Caro(a) pós-graduando(a):

“Psicopedagogia clínica e institucional: criando laços com a aprendizagem e a cada passo, uma nova possibilidade”.

A autora.

Como estudante do curso de psicopedagogia, futuro profissional psicopedagogo, você terá em sua bagagem de conhecimentos as principais teorias que fundamentam a construção da aprendizagem humana. Dessa forma, precisa estar sempre atento e refletir sobre como ocorre sua própria aprendizagem, como foi o seu processo de aprender ao longo da trajetória acadêmica, com quais sentimentos se deparou ao longo desta caminhada, como, por exemplo, angústia, medo, insegurança, gratificação, prazer, ansiedade e descobertas. Esses aspectos deixaram pegadas ao longo do caminho? É possível pontuar quais estratégias deram ou não certo para fixar e compreender tantas informações novas advindas dos estudos? Pois é, durante o nosso trabalho é importante que estes questionamentos estejam presentes. Não podemos mediar a aprendizagem de outras pessoas se não conseguirmos compreender a nossa própria maneira de aprender. Portanto, considere a dica: “fique atento e se observe”.

É importante lembrar que qualquer caminhada acadêmica pode nos trazer momentos de alegrias, incertezas, entusiasmo, insegurança, empolgação, descontentamento, motivação, desânimo, curiosidades, desinteresse, descobertas e monotonia. Mas a cada passo que se dá no mundo acadêmico uma coisa é inegável: os laços que criamos com a aprendizagem, novos saberes, novos conhecimentos e novos pontos de vista, com certeza, ampliarão o nosso olhar acerca do mundo em que vivemos e do qual fazemos parte, não é mesmo? E é dentro dessa reflexão que gostaria de apresentar a disciplina de introdução à psicopedagogia.

Entenda que a psicopedagogia surgiu da necessidade de buscar soluções que pudessem contribuir para as difíceis questões relacionadas ao problema da aprendizagem humana. Portanto, quem se dispõe a ser especialista deverá entrelaçar em sua ação psicopedagógica o compromisso com a prevenção do fracasso escolar. Deve reconhecer a psicopedagogia como um processo contínuo de construção e transformação humana.

No primeiro capítulo, fazemos a contextualização do surgimento e a definição de psicopedagogia no cenário brasileiro. Dessa forma, buscamos entender melhor as correntes teóricas da psicopedagogia, construídas a partir de várias áreas do conhecimento. E, nesse sentido, é necessário reconhecer quais movimentos e

ações já foram conquistados pelo profissional psicopedagogo ao longo de sua trajetória no Brasil. Por fim, demonstraremos a relação de parceria estabelecida pela Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp) no amparo aos profissionais da área.

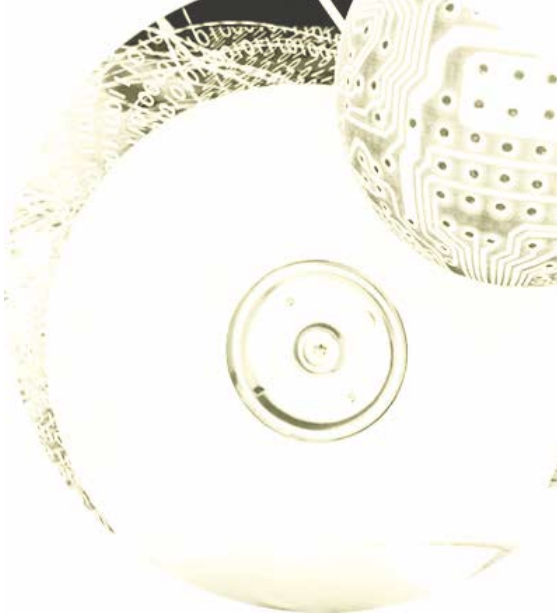
O segundo capítulo busca compreender a atuação do psicopedagogo, visando a um olhar mais amplo e inclusivo. Também apresenta a importância de se ter qualidade nas relações intra e interpessoais no campo da psicopedagogia, bem como elucida os processos de aprendizagem humana como foco principal de estudos da psicopedagogia clínica e institucional.

No capítulo seguinte, você vai perceber que trataremos de enfatizar, ainda mais, que a aprendizagem humana é o foco norteador do profissional psicopedagogo. Nesse pressuposto, aponta as concepções educacionais interligadas com as teorias do desenvolvimento e aprendizagem humana. Também é direcionado para a compreensão da singularidade da instrumentalização psicopedagógica frente à latente demanda do problema escolar, considerando, assim, as teorias do desenvolvimento e aprendizagem.

E, para finalizar, no quarto e último capítulo, as abordagens estarão voltadas para a compreensão dos princípios éticos da psicopedagogia e as competências éticas fundamentais para o exercício profissional de um psicopedagogo. E, assim, a necessidade de se construir uma formação ética e moral no campo do exercício profissional da psicopedagogia e da educação.

No final desse processo, ao concluir a disciplina, esperamos que sua vida acadêmica futura seja repleta de momentos positivos e memoráveis. Que seus novos saberes possam ser humanamente compartilhados.

Bons estudos!
A autora.



CAPÍTULO 1

SURGIMENTO E DEFINIÇÃO DE PSICOPEDAGOGIA

A partir da perspectiva do saber fazer, neste capítulo você terá os seguintes objetivos de aprendizagem:

- ✓ Conhecer as correntes teóricas psicopedagógicas, que buscam possíveis soluções para a difícil questão do problema da aprendizagem humana.
- ✓ Compreender e interpretar de maneira significativa as várias áreas do conhecimento que contribuem para a construção do profissional psicopedagogo.
- ✓ Conhecer os movimentos e ações que são realizados para garantir apoio ao profissional psicopedagogo.
- ✓ Reconhecer quais movimentos e ações foram conquistados pelo profissional psicopedagogo ao longo de sua trajetória no Brasil.
- ✓ Estabelecer uma relação de parceria com a ABPp.
- ✓ Analisar e apoiar as ações que preservem o profissional psicopedagogo.



CONTEXTUALIZAÇÃO

Quando paramos e pensamos sobre aprendizagem humana, costumamos refletir sobre suas possibilidades e possíveis barreiras, não é mesmo? E estas são questões que, muitas vezes, fazem-nos repensar sobre a nossa própria prática educativa, concorda? Pois bem, é daí que provavelmente surgiu o interesse em buscar uma especialização que contemple, ao longo do curso, em suas áreas de estudos, uma dimensão maior e mais significativa a respeito dos processos de conhecimento e aprendizagem. Confere?

Sabemos que tamanha é a complexidade de um sujeito interpretar a subjetividade de outro. Ou seja, como conseguir representar o que passa no imaginário do outro e o que o outro pensa a nosso respeito? Como compreender que a identidade cognitiva, afetiva e social de cada sujeito é única, e por essa razão, incomparável? A caminhada é longa, mas, com certeza, vale a pena o aprofundamento e desvendamento de alguns desses mistérios, não tenha dúvidas! Portanto, espero que, ao final desse capítulo, você possa se sentir bem mais seguro e orientado.

A disciplina do caderno de estudos, que é a de Introdução à Psicopedagogia, abordará, em seu primeiro capítulo, questões referentes ao surgimento e definição de psicopedagogia. Portanto, no decorrer do curso, muitas outras disciplinas também contribuirão e ampliarão esses conhecimentos.

Assim, iniciaremos nossos estudos previamente organizados em três importantes seções, como segue:

- As correntes teóricas da psicopedagogia.
- O cenário atual da psicopedagogia como campo profissional no Brasil.
- Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp).

É importante considerar que esses tópicos se articulam entre si, portanto, faz-se necessário seguir sua trilha de aprendizagem para não se perder na caminhada, ok? Então, vamos aos estudos?



SURGIMENTO E DEFINIÇÃO DE PSICOPEDAGOGIA

Para iniciarmos os estudos de maneira bem significativa e prazerosa referente à nossa proposta, leia o poema abaixo e descubra no final desta gostosa leitura, uma reflexão especial acerca do tema psicopedagogia.



O QUE É PSICOPEDAGOGIA?

“Você me pergunta:
O que é psicopedagogia?
Só posso lhe responder,
que é uma arte, ofício e paixão!
Um saber que se constrói
com muita informação.
Um fazer de cada dia,
em trabalho de mudança,
conquistando para a vida,
adulto, jovem e criança.
Para a psicopedagogia,
cada ser é ensinante
e ao mesmo tempo aprendente.
Dirige-se ao conhecimento
de modo muito envolvente,
e encontra-se a si mesmo
em processo de autoria.
Se quiser de fato conhecê-la,
venha se apropriar, desvendar, estudar...
O caminho foi aberto
quando decidi perguntar.”

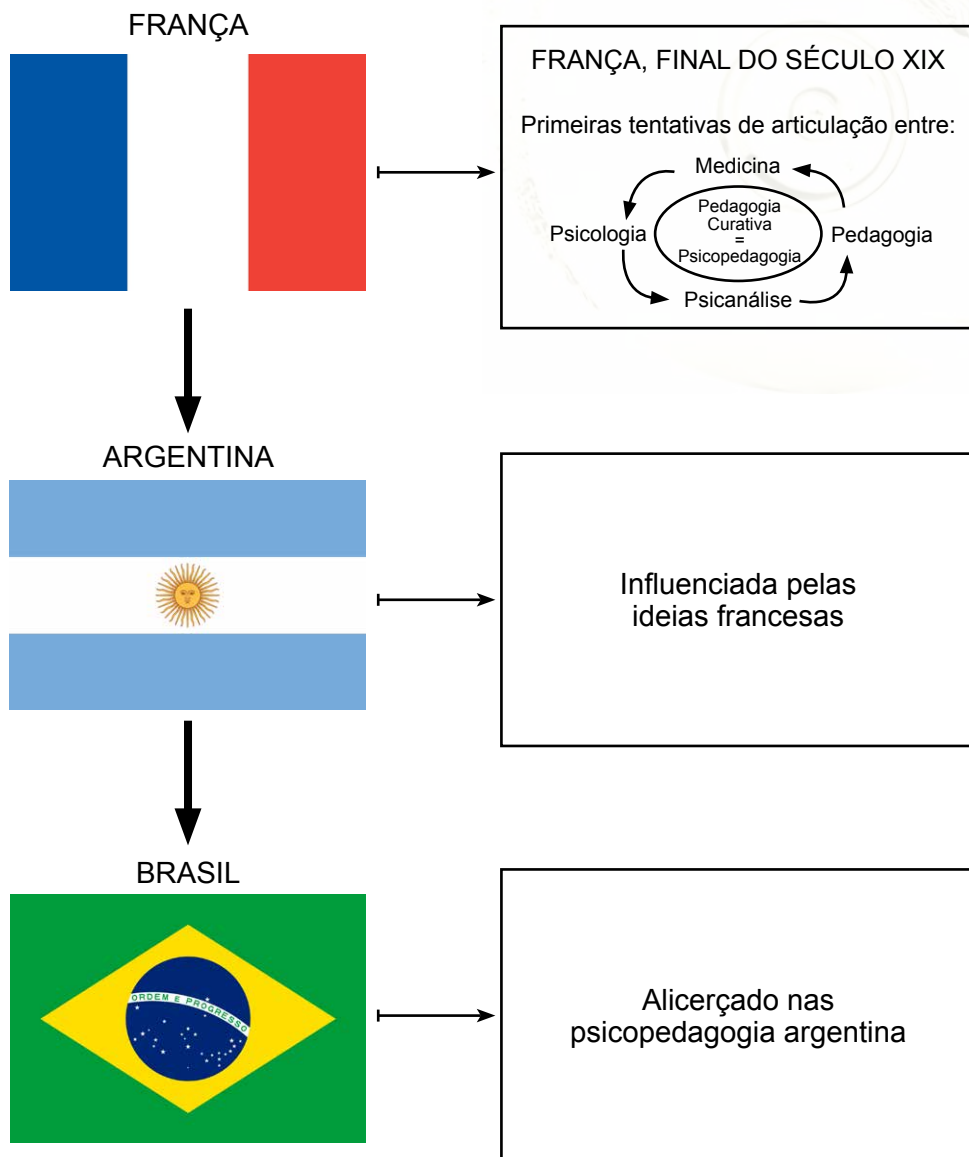
Fonte: Beauclair (2006, p. 25).

O caminho se encontra aberto para que você possa durante os estudos conhecer, apropriar-se e desvendar os reais conceitos da ação psicopedagógica.

Gostou do poema? Espero que sim, pois ele expressa um sentimento de propriedade, do verdadeiro sentido que a autora dá à psicopedagogia. E considerando que o caminho se encontra aberto para que você possa durante os estudos conhecer, apropriar-se e desvendar os reais conceitos da ação psicopedagógica, observe e analise em seguida, o processo evolutivo da psicopedagogia. Veja:

Figura 1 - Evolução histórica da psicopedagogia

EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA PSICOPEDAGOGIA



Fonte: A autora.

Pedagogia curativa, termo esse utilizado para melhor definir a ação terapêutica feita em crianças que apresentam dificuldade ou lentidão em relação aos outros colegas de classe.

Entenda, caro(a) aluno(a), com esta demonstração e, segundo Bossa (1994), que o surgimento da psicopedagogia e suas principais tentativas de articulação entre as áreas da medicina, da psicologia, da psicanálise e da própria pedagogia, deram-se na França, portanto, na Europa. Segundo a pesquisadora Nadia Aparecida Bossa (1994), há um documento de Janine Mery, na França, que apresenta considerações referentes ao termo pedagogia curativa, termo esse utilizado para melhor definir a ação terapêutica feita em crianças que apresentam dificuldade ou lentidão em relação aos outros colegas de classe. Também, junto com esse documento, há trabalhos de Georg Mauco, fundador do primeiro centro médico-psicopedagógico na França.

O termo *pedagogia curativa*, que mencionamos anteriormente, passou a ser amplamente usado a partir desse momento, sendo entendido como o atendimento terapêutico de crianças e adolescentes que não se adaptavam à escola. [...] Aos poucos, foi se adotando o termo psicopedagogia em vez de pedagogia curativa (GRASSI, 2009, p.43).

Por conseguinte, há de se compreender que definitivamente a psicopedagogia não nasceu no Brasil, nem tampouco na Argentina, todavia, comentando essa questão, Bossa (1994, p. 27) esclarece que “[...] o movimento da psicopedagogia no Brasil remete ao seu histórico na Argentina”. E, nesse mesmo pressuposto, complementa que “[...] as ideias dos argentinos muito têm influenciado a nossa prática” (BOSSA, 1994, p. 27).

Segundo Alicia Fernandes, a graduação em psicopedagogia surgiu a mais de trinta anos na Argentina, sendo quase tão antiga quanto a carreira da Psicologia, criada na Universidade de Buenos Aires. Na prática, a atividade psicopedagógica iniciou-se antes da criação do próprio curso. Profissionais que possuíam outra formação - como, por exemplo, a formação em filosofia, entre eles Sara Pain - viram a necessidade de ocupar um espaço que não podia ser preenchido pelo psicólogo nem pelo pedagogo. Desta maneira, começaram fazendo reeducação, com o objetivo de resolver fracassos escolares. Trabalhavam-se as funções egóicas, tais como memória, percepção, atenção, motricidade e pensamento, medindo-se os déficits e elaborando planos de tratamento que objetivavam vencer essas faltas. (BOSSA, 1994, p. 32).

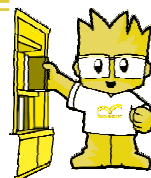
Perceba que “[...] a psicopedagogia nasceu de uma necessidade: contribuir na busca de soluções para a difícil questão do problema de aprendizagem” (BOSSA, 1994, p.1). Portanto, esta área do conhecimento vem para nos ajudar a compreender melhor o tão complexo processo de ensino e aprendizagem. Também busca resolver questões que se referem ao possível fracasso escolar. Com base no que foi afirmado, “[...] o termo psicopedagogia distingue-se em três conotações: como uma prática, como um campo de investigação do ato de aprender e como (pretende-se) um saber científico” (BOSSA, 1994, p. 2).

Seu tão importante despertar surgiu aqui no Brasil no final do século XX, conforme descreve Grassi (2009, p. 88): “no Brasil, a psicopedagogia foi de fato concebida, de forma organizada, apenas nos anos 1970”. Afirma que o fator precedente da origem da psicopedagogia no Brasil se deu pelo interesse e preocupação de educadores, psicólogos e médicos brasileiros em buscarem uma alternativa que pudesse compreender melhor a questão da dificuldade de aprendizagem e fracasso escolar.

No Brasil, a psicopedagogia foi de fato concebida, de forma organizada, apenas nos anos 1970.

Alguns estudos nos mostram que na década de 70, aqui no Brasil, os estados pioneiros a oferecerem cursos formais, com enfoque psicopedagógico, em nível institucional de especialização e aperfeiçoamento, foram São Paulo e Rio Grande do Sul. Já, na década de 90, ampliaram-se os cursos de especialização e, atualmente, podemos considerar que a psicopedagogia está presente em vários territórios brasileiros.

Para um maior aprofundamento sobre os assuntos aqui abordados leia a seguinte obra:



FERNANDES, Alicia. **O saber em jogo:** a psicopedagogia propiciando autorias de pensamentos. Porto Alegre: Artmed, 2001.

Atividade de Estudos:

- 1) Conceitue com suas próprias palavras o que você entende por psicopedagogia.



Caro (a) aluno (a), estudamos até aqui os movimentos em torno do surgimento da psicopedagogia no Brasil. Espero que você possa ter compreendido de maneira clara e objetiva como esse processo ocorreu. Dando sequência aos nossos estudos, vamos conhecer as correntes teóricas que norteiam a ação psicopedagógica.

AS CORRENTES TEÓRICAS DA PSICOPEDAGOGIA

Caro(o) acadêmico(a), devemos compreender que a psicopedagogia, apesar de ser uma área nova, tem sua existência e história contada aqui no Brasil há um pouco mais de 45 anos. E você já deve ter percebido como o tema desperta a atenção de muitos profissionais, de diferentes formações, não é mesmo?

Pois bem, tais profissionais, na sua rotina de trabalho, muitas vezes, deparam-se com situações relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem e suas implicações. Por essa razão, buscam apropriar-se de estudos que possibilitem uma orientação mais direcionada a esse problema tão sério e comum, com uma demanda consideravelmente agravante.

Em virtude do que foi mencionado, imagina-se, então, que surgiram os primeiros pensadores os quais se debruçaram nos estudos a respeito da não aprendizagem ou do fracasso escolar.

Pois bem, estudos demonstram que, tendo em vista a passagem de um momento bastante severo com relação ao processo de ensino e aprendizagem (retenção e evasão escolar), professores, psicólogos, neurologistas, médicos e educadores passaram a observar e interessar-se por esse problema e, de uma forma natural, realizaram estudos buscando verificar de que maneira se dava a formação da aprendizagem (BOSSA, 1994).

Bossa (1994, p.16) ao comentar de que forma tais fundamentos da psicopedagogia se construíram, relata que este suposto movimento “[...] implica refletir sobre as suas origens teóricas, ou seja, revisar velhos impasses conceptuais que subjazem na ação e na atuação da Pedagogia e da Psicologia no aprender do fenômeno educativo”. E denota que pedagogia e psicologia, juntas, “[...] não são suficientes para *apreender* o objeto de estudo da Psicopedagogia – o processo de aprendizagem e suas variáveis - e nortear a sua prática” (BOSSA, 1994, p. 16).

Por conseguinte, é importante frisar, mais uma vez, as áreas de conhecimento que iluminam a questão do ser humano e sua realidade, dentre as quais podemos citar: psicologia, psicolinguística, neurologia (portanto, medicina), filosofia, fonoaudiologia, bem com a psicanálise, certo?

A fonoaudióloga e psicopedagoga Kiguel (1983), considera que a psicopedagogia se situa em fase de organização de um tronco teórico específico, que busca a integração dessas ciências para que, de fato, ocorra uma apreensão mais integradora da ocorrência da aprendizagem humana. Atualmente, podemos afirmar que ela já está bem mais organizada, considerando a própria Associação Brasileira de Psicopedagogia, sobre a qual estudaremos um pouco mais adiante.

A psicopedagogia se situa em fase de organização de um tronco teórico específico, que busca a integração dessas ciências para que, de fato, ocorra uma apreensão mais integradora da ocorrência da aprendizagem humana.

Tendo em vista o enfoque dado ao estudo até o momento e na intenção de facilitar a compreensão para a definição de cada área de ocupação e de estudos que iluminam a psicopedagogia, vale a pena listar, segundo dicionário Houaiss (2001), as áreas:



Psicopedagogia: é uma ciência aplicada que consiste em aliar a psicologia, especialmente a experimental, à pedagogia e à psicologia da educação.

Psicologia: ciência que trata dos estados e processos mentais.

Psicolinguística: parte da linguística que pesquisa as conexões existentes entre questões pertinentes ao conhecimento e ao uso de uma língua, tais como: o processo de aquisição de linguagem, o processamento linguístico e os processos psicológicos, que, supõe-se, estão relacionados.

Neurologia: especialidade médica que se dedica ao estudo e tratamento das doenças que atingem o sistema nervoso central e periférico; neurologia.

Filosofia: amor pela sabedoria, experimentado apenas pelo ser humano consciente de sua própria ignorância.

Medicina: conjunto de conhecimentos relativos à manutenção da saúde, bem como à prevenção, tratamento e cura das doenças, traumatismos e afecções, considerada por alguns uma técnica e, por outros, uma ciência.

Fonoaudiologia: é a especificidade médica que compreende o estudo da fonação e da audição, de seus distúrbios e das formas de tratamento.

Psicanálise: 1 - teoria da alma ('psique') criada por Sigmund Freud (1856-1939, neurologista austríaco). 2 - método terapêutico criado por Sigmund Freud, empregado em casos de neurose e psicose, que consiste fundamentalmente na interpretação, por um psicanalista, dos conteúdos inconscientes de palavras, ações e produções imaginárias de um indivíduo, com base nas associações livres e na transferência.

Fonte: Houaiss (2001).

Com o propósito de sintetizar tudo o que já discutimos até o momento, vale a pena fixar a ideia de Grassi (2009, p. 124):

A psicopedagogia é uma área interdisciplinar, reunindo, portanto, conhecimentos de várias ciências e ramos do conhecimento. Busca compreender de forma integradora, o processo de ensino e aprendizagem, que ocorre em dois espaços: o extraescolar e o intraescolar. Para tanto, analisa todos os elementos que fazem parte desse processo e os fatores que podem condicionar as dificuldades de aprendizagem e de ensinagem.

Em consonância com essa ideia, podemos elucidar que a psicopedagogia no espaço extraescolar se refere aos espaços de escuta psicopedagógica (ou clínica). Desenvolve-se o trabalho psicopedagógico fora dos muros da escola. Já, como ambientes intraescolares, subentendem-se os espaços de trabalho dentro da própria escola ou instituição de ensino.

Caro(a) estudante, agora que já detalhamos cada uma das áreas que, de uma forma ou de outra, trazem contribuições para a ação psicopedagógica, bem como embasam o trabalho desses profissionais, faz-se necessário apresentar, logo em seguida, alguns nomes de pensadores que discutiram o que hoje compreendemos por psicopedagogia, concorda? Pois bem, o que acha, podemos prosseguir?

Então, vamos lá!

Dando prosseguimento, é importante reforçar “que a psicopedagogia teve sua origem marcada pelas intensas transformações sociais, políticas e históricas ocorridas na Europa no século XIX” (GRASSI, 2009, p. 53).

O pensamento e o trabalho argentinos acerca do tema psicopedagogia estão fortemente marcados pela literatura francesa. Dessa forma, é importante destacar, segundo Bossa (1994, p.28), os seguintes autores: “Jacques Lacan, Maud Mannoni, Françoise Dolto, Julián de Ajuriaguerra, Janine Mery, Michel Lobrot, Pierre Vayer, Maurice Debesse, René Diatkine, Georg Mauco, Pichón-Rivière e outros [...]”.

*A psicopedagogia
teve sua origem
marcada
pelas intensas
transformações
sociais, políticas e
históricas ocorridas
na Europa no século
XIX.*

No site da ABPp, <<http://www.abpp.com.br/revista-psicopedagogia>>, você vai encontrar a Revista Psicopedagógica em várias edições e volumes. Estas publicações estão sempre formadas por artigos bastante interessantes. Fica a dica, pois vale a pena conferir. Boa leitura!



Atividade de Estudos:

- 1) Com relação às ideias da psicopedagogia, aponte alguns autores argentinos que trouxeram suas contribuições para o cenário psicopedagógico brasileiro.



Antes de qualquer outro movimento, vamos complementar e esclarecer, ainda mais, as diretrizes de formação de psicopedagogos no Brasil, segundo a síntese do documento organizado pela comissão de formação e regulamentação do Conselho Nacional da ABPp. Veja na sequência:



DIRETRIZES DE FORMAÇÃO DE PSICOPEDAGOGOS NO BRASIL

A Psicopedagogia é a área de conhecimento, atuação e pesquisa que lida com o processo de aprendizagem humana, visando ao apoio aos indivíduos e aos grupos envolvidos neste processo, na perspectiva da diversidade e da inclusão. A Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp), como órgão representativo dos psicopedagogos, entende que o curso de Psicopedagogia deve formar profissionais para garantir a aprendizagem como direito de todos.

1) PERFIL PROFISSIONAL

O psicopedagogo é o profissional habilitado para atuar com os processos de aprendizagem junto aos indivíduos, aos grupos, às instituições e às comunidades. Desde 2002, pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), a Psicopedagogia foi inserida na Família Ocupacional 2394-25 dos Programadores, Avaliadores e Orientadores de Ensino. O psicopedagogo é o profissional que deve assegurar:

- a) a produção e divulgação do conhecimento científico e tecnológico relacionado com a aprendizagem humana;
- b) os compromissos éticos e políticos com a Educação de qualidade para todos;
- c) a articulação com os demais profissionais da Educação e da Saúde para a construção de uma sociedade justa, respeitando a equidade e a diversidade, onde todos tenham o direito ao aprender.

2) PRINCÍPIOS NORTEADORES DA FORMAÇÃO

A formação do psicopedagogo deve orientar-se pelos seguintes princípios:

- a) conscientização da diversidade, respeitando as diferenças de natureza cultural e ambiental, de gêneros, de faixas geracionais, de classes sociais, de religiões, de necessidades especiais, de orientação sexual, entre outras;
- b) priorização de ações que envolvam os direitos humanos visando a uma sociedade inclusiva e equânime, com ênfase nas potencialidades do sujeito da aprendizagem;
- c) valorização do pensamento reflexivo, crítico e transformador;
- d) conscientização do trabalho coletivo pautado pela ética e sigilo profissional;
- e) respeito aos saberes específicos das áreas afins e dos profissionais.

3) HABILIDADES E COMPETÊNCIAS

A formação em Psicopedagogia deve propiciar o desenvolvimento de habilidades e competências compatíveis com as demandas sociais, contemporâneas e/ou potenciais. A atuação profissional requer uma formação específica que garanta ao psicopedagogo a aquisição qualificada de conhecimentos específicos da área, permitindo a construção de habilidades e competências, sendo elas:

- a) planejar, intervir e avaliar o processo de aprendizagem, nos variados contextos, mediante a utilização de instrumentos e técnicas próprios da Psicopedagogia;
- b) utilizar métodos, técnicas e instrumentos que tenham por finalidade a pesquisa e a produção de conhecimento na área;
- c) participar na formulação e na implantação de políticas públicas e privadas em educação e saúde relacionadas à aprendizagem e à inclusão social;
- d) articular a ação psicopedagógica com profissionais de áreas afins, para atuar em diferentes ambientes de aprendizagem;
- e) realizar consultoria e assessoria psicopedagógicas;
- f) exercer orientação, coordenação, docência e supervisão em cursos de Psicopedagogia;
- g) atuar na coordenação e gestão de serviços de Psicopedagogia em estabelecimentos públicos e privados.

4) NÍVEIS DE FORMAÇÃO E MODALIDADES DE CURSO

A formação do psicopedagogo ocorre em níveis de graduação e de pós-graduação *lato sensu* (especialização) e *stricto sensu* (mestrado profissional).

4.1. Formação na Pós-graduação *lato sensu* – Especialização

Esta formação pauta-se pelas exigências da Resolução CNE/CES nº 1, de 8 de junho de 2007, acrescidas das recomendações que emanam da especificidade da formação do psicopedagogo. As disciplinas que fundamentam a formação do psicopedagogo (introdutória, específicas, eletivas e de orientação) devem estar articuladas por meio da pesquisa e da atuação supervisionada, culminando com a apresentação da monografia, trabalho de conclusão de curso ou artigo científico.

Fonte: Disponível em: <<http://www.abpp.com.br/diretrizes-da-forma%C3%A7%C3%A3o-de-psicopedagogos-no-brasil>>.

Acesso em: 08 fev. 2016.

Embasado na leitura apresentada até aqui, é imprescindível considerar que as diretrizes de formação dos psicopedagogos no Brasil contemplam informações importantes e que devem ser revistas sempre que necessário, pois, dessa forma, não comprometemos a práxis psicopedagógica.



Conheça também a síntese do projeto de Lei n. 3.124/97, do Deputado Barbosa Neto. Veja:

PROJETO DE LEI N. 3.124/97

Este projeto regulamenta a profissão do Psicopedagogo e cria o Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Psicopedagogia.

O Psicopedagogo é o profissional que auxilia na identificação e resolução dos problemas no processo de aprender. O Psicopedagogo está capacitado a lidar com as dificuldades de aprendizagem, um dos fatores que leva a multirrepetência e a evasão escolar, conduzindo à marginalização social.

Estes profissionais detêm um corpo de conhecimentos científicos oriundos da articulação de várias áreas aliada a uma prática clínica e/ou institucional que considera a multiplicidade de fatores que interferem na aprendizagem.

Poderão exercer a profissão de Psicopedagogo no Brasil os portadores de certificado de conclusão em curso de especialização em Psicopedagogia em nível de pós-graduação, expedido por escolas ou instituições devidamente autorizadas ou credenciadas nos termos da legislação pertinente.

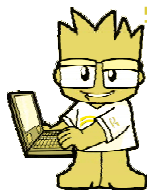
O Psicopedagogo:

- 1 Possibilita intervenção visando à solução dos problemas de aprendizagem, tendo como enfoque o aprendiz ou a instituição de ensino público ou privado;
- 2 Realiza diagnóstico e intervenção psicopedagógica, utilizando métodos, instrumentos e técnicas próprias da Psicopedagogia;
- 3 Atua na prevenção dos problemas de aprendizagem;
- 4 Desenvolve pesquisas e estudos científicos relacionados ao processo de aprendizagem e seus problemas;
- 5 Oferece assessoria psicopedagógica aos trabalhos realizados em espaços institucionais;
- 6 Orienta, coordena e supervisiona cursos de especialização de Psicopedagogia, em nível de pós-graduação, expedidos por instituições ou escolas devidamente autorizadas ou credenciadas nos termos da legislação vigente;

Tendo em vista que a formação do Psicopedagogo vem ocorrendo em caráter oficial nas Universidades com muita procura, e há um grande número de profissionais formados nas Universidades Brasileiras desde a década de sessenta, a regulamentação da profissão torna-se não só legítima, mas urgente.

Fonte: Disponível em: <<http://www.abpp.com.br/a-regulamentacao-da-psicopedagogia-em-questao>>. Acesso em: 08 fev. 2016.

Ressalta-se, caro(a) pós-graduando(a), que ações estão sendo feitas para garantir ao profissional psicopedagogo maior respaldo com relação ao seu importante e admirável trabalho social, terapêutico e preventivo. Mas a nossa caminhada ganha ainda mais forças quando nossas ações são regradas e bem-sucedidas. Por isso, nunca se esqueça de que somos parte de um grupo que procura defender seu tão almejado e importante espaço!



Visite o site da câmara dos deputados e conheça na íntegra tudo sobre o projeto de Lei n. 3.124/97, de iniciativa do deputado federal Barbosa Neto, no seguinte endereço eletrônico:

http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostraIntegral.jsessionid=D1C1EEE5B4A4F47C4DAB9C754B2F2EEENode1?codteor=1130669&filename=Avulso+-PL+3124/1997

Enquanto a Psicopedagogia, de forma lenta, mas gradativa, vai ganhando seu espaço no cenário educacional, muitos conflitos advindos das reais demandas de problemas de aprendizagem ainda precisam ser revistos e discutidos. Mas uma coisa é inegável! Seja em qualquer campo de atuação desse profissional seu papel é diferenciado e muito bem visto por quem realmente conhece e reconhece a abordagem transparente do trabalho psicopedagógico.

Conheça, agora, o cenário atual da Psicopedagogia como campo profissional no Brasil. Desejo que faça excelentes descobertas!

CENÁRIO ATUAL DA PSICOPEDAGOGIA COMO CAMPO PROFISSIONAL NO BRASIL

Agora que já conhecemos um pouco da história do surgimento da psicopedagogia, bem como algumas de suas definições e correntes teóricas de maior presença na literatura, estudaremos o cenário atual da psicopedagogia como campo profissional no Brasil.

Nessa etapa dos estudos, vamos conhecer a regulamentação da Psicopedagogia, segundo deputado estadual Claury Alves da Silva, autor do projeto de Lei n. 128/2000, do estado de São Paulo - SP. Veja:



ASSEMBLÉIA APROVA LEI QUE INSTITUI ASSISTÊNCIA PSICOPEDAGÓGICA NAS ESCOLAS

O Projeto de Lei n. 128/2000, que estabelece a implantação de assistência psicológica e psicopedagógica em todos os estabelecimentos públicos de ensino do Estado de São Paulo, foi transformado em lei estadual na noite da última terça-feira, 04, em sessão extraordinária da Assembléia Legislativa.

A assistência abrangerá os níveis de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

O autor é o deputado estadual e vice-líder do Governo, Claury Alves da Silva (PTB).

A assistência proposta pela nova lei objetiva propiciar o diagnóstico e a prevenção de problemas de aprendizagem, enfocando o aluno e a instituição de ensino. A elaboração de normas, procedimentos, planejamento e controle ficarão a cargo do Conselho Estadual de Educação e da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, órgãos ligados à Secretaria de Estado da Educação.

“Um dos grandes vilões do sistema público de ensino atualmente é o fracasso escolar, uma consequência na maioria das vezes de desvios ou bloqueios emocionais de várias origens”, relata o deputado Claury.

De acordo com o parlamentar, traumas no convívio social ou familiar, manifestados de diversas formas, levam invariavelmente ao baixo rendimento escolar. Claury defendeu em seu projeto que o fracasso escolar, representado pela evasão e pela repetência, provoca atraso na formação do jovem para o mercado de trabalho e gera maior custo para o Estado.

Na opinião da ex-Presidente da Associação Brasileira de Psicopedagogia, Nívea Fabrício, e da ex-Presidente Neide de Aquino Noffs, a nova lei vem ao encontro da realidade educacional brasileira que, segundo ela, ainda se impõe pelo quadro da repetência e da evasão escolar.

“Em uma sociedade em que a educação é considerada fator de mobilidade social, o fracasso escolar de um indivíduo promove sua marginalização”, afirmou.

Fonte: **Disponível em:** <http://www.abpp-rj.com.br/v1/legis_03.php>. Acesso em: 08 fev. 2016.

Para compreender um pouco mais como estão sendo tratadas as discussões referente ao campo profissional da psicopedagogia, apresenta-se agora uma carta encaminhada aos colegas psicopedagogos, que esclarece a regulamentação da profissão de psicopedagogo, extraída da ABPp- RJ. Veja:



REGULAMENTAÇÃO DA PROFISSÃO DE PSICOPEDAGOGO AOS COLEGAS PSICOPEDAGOGOS

O mês de setembro de 2001, após anos de luta, se apresenta como um marco para a Psicopedagogia, pois avançamos em relação ao reconhecimento do exercício profissional do Psicopedagogo no Brasil.

No Estado de São Paulo, em 4 de setembro, foi aprovado o Projeto de Lei nº 128/2000, estabelecendo em todas as instituições de ensino básico a assistência psicológica e psicopedagógica. Congratulações ao deputado estadual CLAURY SANTOS ALVES DA SILVA, pela brilhante defesa deste projeto. Sabemos que psicólogos e psicopedagogos em parceria de estudo e ação com os demais profissionais da escola encaminharão alternativas de atuação onde o maior beneficiado será nosso aluno, e ao mesmo tempo seu professor, onde o não isolamento da unidade escolar favorecerá a redução da sensação de “solidão pedagógica” vivida por muitos de nossos colegas educadores.

Outro ponto a ser compartilhado com nossos associados foi à aprovação, em 12 de setembro de 2001, do Projeto de Lei n. 3124/97 do deputado federal BARBOSA NETO, o qual regulamenta a profissão de Psicopedagogo, cria o Conselho Federal, os Conselhos Regionais de Psicopedagogia e determina outras providências.

É preciso ressaltar alguns pontos que contribuíram para esta aprovação, a saber, o compromisso do deputado federal Barbosa Neto com a Psicopedagogia, onde o mesmo, nas horas difíceis, não desanimou. A clareza e a firmeza da deputada federal MARISA SERRANO, nossa relatora do Projeto ao justificar aos seus pares da Comissão de Educação a relevância da aprovação deste projeto. A participação do Conselho Nacional legitimando e subsidiando o trabalho da Comissão de Reconhecimento Profissional, e em especial, de alguns conselheiros (entre elas o desempenho de nossas parceiras MARGARIDA DUPAS, EGLACIR, CECÍLIA GASPARIAM)

que não mediram esforços nesta luta tão complexa. As Seções e Núcleos que articularam em seus Estados um trabalho mais próximo aos seus deputados e, em especial, Goiás e Brasília. A Presidente da ABPp, NÍVEA FABRÍCIO, que viabilizou este trabalho com seu apoio e acompanhamento par e passo, a sua diretoria que tanto contribuiu e articulou este processo. Também ressaltamos o trabalho dos membros desta comissão e, em especial, a Coordenadora da Comissão de Reconhecimento da Profissão, Prof^a. Dr^a. NEIDE DE AQUINO NOFFS que, com ousadia, coragem e convicção defende os interesses de nossos associados, articulando política e academicamente os encaminhamentos necessários rumo ao reconhecimento da profissão.

Sabemos que há ainda um caminho longo a ser percorrido (Comissão de Constituição, Justiça e Redação, Senado, Presidência da República), porém, com parcerias, competências, transparência de ações coletivas, têm certeza, que estaremos contribuindo para a transformação de nosso sistema educacional.

Estamos preparando um relatório mais completo para que nossos associados possam acompanhar de forma mais próxima o trabalho de reconhecimento profissional.

Parabéns Barbosa Neto!

Parabéns Marisa Serrano!

Parabéns Claury Santos Alves da Silva!

Parabéns Conselho Nacional da ABPp!

Parabéns Diretoria da ABPp!

Parabéns Seções e Núcleos da ABPp!

Parabéns Associados da ABPp!

20 de setembro de 2001.

Fonte: Disponível em: <http://www.abpp-rj.com.br/v1/legis_03.php>. Acesso em: 08 fev. 2016.

Sabe-se que o caminho é longo, mas muito já foi percorrido e conquistado, não é mesmo? Para perceber quais movimentos estão sendo organizados em prol da defesa do campo profissional da psicopedagogia, conheça o mais atual cenário da psicopedagogia brasileira, segundo a Lei Federal n. 10.891/2001. Veja:



**ÍTEGRA DA LEI 10.891 DE 20 DE SETEMBRO DE 2001.
(PROJETO DE LEI N. 128, DE 2000,
DO DEPUTADO CLAURY ALVES DA SILVA - PTB)**

Autoriza o Poder Executivo a implantar assistência psicológica e psicopedagógica em todos os estabelecimentos de ensino básico público, com o objetivo de diagnosticar e prevenir problemas de aprendizagem.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA:

Faço saber que a Assembléia Legislativa decreta e eu promulgo, nos termos do artigo 28, § 8º, da Constituição do Estado, a seguinte lei:

Artigo 1º - Fica o Poder Executivo autorizado a implantar assistência psicológica e psicopedagógica com o objetivo de diagnosticar, intervir e prevenir problemas de aprendizagem, tendo como enfoque o aprendiz e a instituição pública de Ensino de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Artigo 2º - A assistência a que se refere o artigo 1º deverá ser prestada nas dependências da instituição durante o período escola.

Artigo 3º - Ficará a cargo da Secretaria da Educação, através do Conselho Estadual de Educação e da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, a elaboração de normas, procedimentos, planejamento e controle relacionados ao objeto desta lei.

Artigo 4º - As despesas decorrentes da execução desta lei correrão à conta de dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Artigo 5º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação. Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, aos 20 de setembro de 2001.

Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, aos 20 de setembro de 2001.

WALTER FELDMAN – Presidente.

Publicada na Secretaria da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, aos 20 de setembro de 2001.

Auro Augusto Caliman – Secretário Geral Parlamentar

Fonte: Disponível em: <<http://www.abpp.com.br/integra-da-lei-10891-de-20-de-setembro-de-2001>>. Acesso em: 08 fev. 2016.

Ante o exposto, fica claro que os braços não se cruzam diante dos primeiros desafios e nem podem. Temos que comover o país acerca da necessidade particular do profissional psicopedagogo, na certeza de que o que comove, move. É para frente que se deve caminhar. Sempre!

Na sequência, para compreender melhor o que de fato contempla a Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp), leia com atenção o texto que segue:

QUEM SOMOS

A Associação Brasileira de Psicopedagogia ABPp é uma associação de direito privado, de âmbito nacional, sem fins lucrativos e econômicos, de caráter técnico, científico e social, com atividade preponderante no exercício da psicopedagogia. Fundada em 12 de novembro de 1980, a ABPp agrega psicopedagogos brasileiros com a finalidade de propiciar-lhes o desenvolvimento, a divulgação e o aprimoramento desta área do conhecimento.

Para tanto, promove debates, reuniões, conferências, cursos, seminários, congressos e eventos de âmbitos regional, nacional ou internacional. Trabalha também com artigos de profissionais conceituados e facilita o acesso dos profissionais a conteúdos pertinentes à sua área de atuação. O objetivo dessas ações é o aprimoramento técnico-científico que beneficie a atualização profissional dos associados, primando pela ética e compromisso.



Além disso, a ABPp trabalha para que todos tenham o direito de desempenhar a sua escolha de trabalho. Ela age no sentido de ampliar a atuação de uma gama de profissionais que tenham condições de exercer a atividade de psicopedagogo com conhecimento e qualidade.

Essa atitude preza pelo comprometimento com a melhoria da educação no país, tanto com relação à formação de novos psicopedagogos, como com relação às crianças, adolescentes e jovens que serão assistidos por esses profissionais.

Atualmente (2014), a ABPp possui 15 Seções e 3 Núcleos, distribuídos pelo território nacional, estando devidamente vinculados e sob sua orientação.

Fonte: Disponível em: <<http://www.abpp.com.br/institucional/quem-somos>>. Acesso em: 08 fev. 2016.

Muito bem, agora que você já conhece um pouco da história e da trajetória dessa Associação, vamos refletir e simplificar o que aprendemos até aqui sobre a Psicopedagogia.



Uma área de estudos que no momento possui status de ciências aplicadas, pois se considera um objeto de pesquisa e nasceu de uma prática. Encontra-se amparada, organizada e estruturada especialmente pela Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp).

A essência dessa prática está diretamente voltada para a questão da aprendizagem humana, tendo como foco principal contribuir na busca de possíveis soluções, com um olhar mais amplo e inclusivo em todo e qualquer processo de ensino e aprendizagem.

Tem como objeto de estudos toda a dimensão humana, ou seja, ao analisarmos o estilo de vida e o estilo cognitivo que cada sujeito nos apresenta, podemos pensar que sempre haverá uma nova possibilidade, uma nova estratégia a ser aplicada. Inovando a maneira de ensinar, considerando todos estes aspectos. Com essa compreensão, podemos verificar, por exemplo, a habilidade necessária que o sujeito precisa para reconhecer e compreender o processo de leitura e escrita, tão importante no seu desenvolvimento e sucesso acadêmico.

Fonte: A autora.

Prezado(a) aluno(a), desejo que as reflexões feitas ao longo do texto possam servir-lhe de inspiração e motivação não só temporárias, mas permanentes. Entenda que é no exercício diário de organização de nossos pensamentos que encontramos forças e maneiras de nos apoiarmos na mais pura essência humana do ser!

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Caro(a) estudante e pós-graduando(a), ao longo deste capítulo você foi levado (a) a observar e perceber que muitas foram as contribuições da Europa na intenção de constituir um corpo teórico psicopedagógico que considerasse e constituísse a ação de uma pedagogia curativa na Argentina, confere? Também pôde compreender que este mesmo eixo teórico implica diretamente a base psicopedagógica brasileira, não é mesmo?

Não há dúvidas que ficou claro, para você, como é gratificante percebermos que o intuito maior desta área do conhecimento é a aprendizagem humana. Acreditamos que ao demonstrar o atual cenário da psicopedagoga no Brasil (como campo profissional) possivelmente muitas incertezas a esse respeito foram esclarecidas. No entanto, o assunto não se encerra por aqui. Nos próximos capítulos, outras temáticas acerca do tema Psicopedagogia serão apresentadas e discutidas, combinado?

Então, para finalizar essa etapa e para estimular a reflexão, seguem as belas e sábias palavras de Fernández (2001, p. 38):

“O fracasso escolar ou o problema de aprendizagem deve ser sempre um enigma a ser decifrado que não deve ser calado, mas escutado. Desse modo, quando o “não sei” aparece como principal resposta, podemos perguntar-nos o que é que não está permitindo saber”.

Alicia Fernández

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Neto. Regulamentação da profissão de psicopedagogo. **Disponível em:** <http://www.abpp-rj.com.br/v1/legis_03.php>. Acesso em: 08 fev. 2016.

BEAUCLAIR, João. **Para entender a psicopedagogia:** perspectivas atuais, desafios futuros. Rio de Janeiro: Wak, 2006.

BOSSA, Nádia Ap. **A psicopedagogia no Brasil:** contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de lei n. 3.124, de 27 de maio de 1997**. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de psicopedagogo, cria o conselho federal e os conselhos regionais de psicopedagogia e determina outras providências. Disponível em: <<http://www.camara.leg.br/buscaProposicoesWeb/resultadoPesquisa?tipoproposicao=PL+-+Projeto+de+Lei&data=24%2F02%2F2016&page=false&numero=3124&ano=1997&btnPesquisar.x=0&btnPesquisar.y=0&btnPesquisar=OK>>. Acesso em: 08 fev. 2016.

FERNÁNDEZ, Alicia. **Os idiomas do aprendente**: análise de modalidades ensinantes em famílias, escolas e meios de comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2001.

GRASSI, Tânia Mara. **Psicopedagogia**: um olhar, uma escuta. Curitiba: Ibpex, 2009.

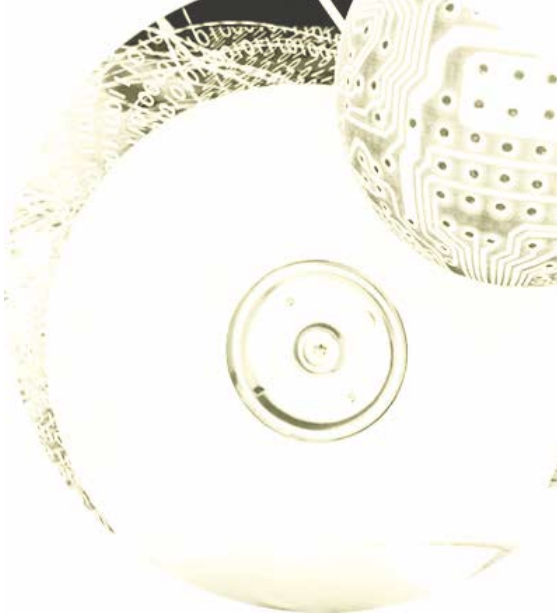
HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KIGUEL, Sonia Moojen. **Reabilitação em neurologia e psiquiatria infantil**: aspectos psicopedagógicos. Porto Alegre: Abenepe, 1983. v. 2.

PORTILHO, Evelise Maria et al. Diretrizes da formação psicopedagógica no Brasil. Disponível em: <<http://www.abpp.com.br/diretrizes-da-forma%C3%A7%C3%A3o-de-psicopedagogos-no-brasil>>. Acesso em: 08 fev. 2016.

SÃO PAULO (Estado). Lei n. 10.891, de 20 de setembro de 2001. Autoriza o Poder Executivo a implantar assistência psicológica e psicopedagógica em todos os estabelecimentos de ensino básico público, com o objetivo de diagnosticar e prevenir problemas de aprendizagem. **Diário Oficial do Estado**, Poder Legislativo, São Paulo, SP, p. 111, set. 2001.

SCOZ, Beatriz J. L. **Psicopedagogia**: contextualização, formação e atualização profissional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.



CAPÍTULO 2

A ATUAÇÃO DA PSICOPEDAGOGIA

A partir da concepção do saber fazer, neste capítulo você terá os seguintes objetivos de aprendizagem:

- ✓ Identificar cada campo de atuação do profissional psicopedagogo (clínico e institucional).
- ✓ Aprimorar os conhecimentos sobre inclusão humana.
- ✓ Elucidar o processo de aprendizagem humana.
- ✓ Ressignificar hábitos e atitudes, buscando reformular práticas educativas.



CONTEXTUALIZAÇÃO

“O ser humano, na sua essência humana de ser, muitas vezes não consegue compreender a dimensão de sua responsabilidade como um ser pensante!”

A autora.

Rotineiramente, presenciamos cenas, fatos e acontecimentos absurdos, provocados por seres humanos. Nessas horas, indignação e falta de compreensão são tão grandes que fazem surgir uma reflexão sobre o que condicionou àquele(s) sujeito(s) a agirem com tanto descaso por outro ser da mesma espécie, não é mesmo? Pois bem, ao longo da história de vida, atitudes e ações de alguns desses supostos sujeitos revelam vestígios subjetivos, com instintos menos humanos, ou quase desumanos, concorda?

Mas é preciso manter o foco: acreditar na humanidade ainda é a melhor alternativa para confrontar essa triste realidade. Serão esses pensamentos que vão condicionar a busca por possíveis ações que possam servir de instrumentos para obter do outro e, de nós mesmos, apenas atitudes humanamente humanas!

Nesse mesmo entendimento, devemos analisar e refletir psicopedagogicamente sobre qual é o papel de cada pessoa na sociedade. Quais são as reais ou eventuais atribuições e contribuições desenvolvidas, sejam elas no campo pessoal, social ou profissional. Essa forte razão leva a crer que um profissional psicopedagogo que se preze deve rever, cotidiana e constantemente, seus valores, hábitos e atitudes, para filtrar melhor suas ações e ressignificar seus pensamentos acerca da essência do ser humanamente humano.

Sendo assim, ao término desse capítulo, espera-se que você pós-graduando(a) contemple um eu muito mais esclarecido e aberto ao outro ser da mesma espécie!

“Personalidade é a organização dos traços no interior do eu, formado a partir de genes particulares que herdamos, das existências singulares que suportamos e das percepções individuais que temos do mundo, capazes de tornar cada indivíduo único em sua maneira de ser e de desempenhar o seu papel social”

Geraldo José Ballone

A ATUAÇÃO DA PSICOPEDAGOGIA

Reafirmando o que foi estudado no primeiro capítulo, a Psicopedagogia nasceu de uma prática que investiga o aprendiz e sua aprendizagem, bem como considera todas as estratégias necessárias para identificar nas estruturas da aprendizagem as possíveis causas do fracasso escolar, não é mesmo?

Refinando ainda mais a compreensão, é possível interpretar que a Psicopedagogia estuda as características principais da aprendizagem humana, ou seja, de que forma o sujeito aprende, como se dá as variações evolutivas da aprendizagem, quais são os fatores que o condicionam e produzem alterações na aprendizagem e como identificá-las, tratá-las e preveni-las. “Esse objeto de estudo, que é um sujeito a ser estudado por outro sujeito, adquire características específicas a depender do trabalho clínico ou preventivo” (BOSSA, 1994, p. 11).

Ainda em Bossa (2002, p.17), encontramos a seguinte afirmação: “[...] a necessidade de avançar nos estudos sobre o sintoma do fracasso escolar no Brasil pode ser justificada com base em várias perspectivas”. Isso faz compreender a importância de sensibilizar o sujeito para o sofrimento que a ausência de aprendizagem causa nas crianças. Nesse sentido, Cordié (1996, p.17) reforça: “o fracasso escolar é uma patologia recente. [...] A pressão social serve de agente de cristalização para um distúrbio que se inscreve de forma singular na história de cada um”.

Assim, o objetivo mais presente na área de atuação e investigação da Psicopedagogia se dá no sentido de entender, prevenir e tratar os mais variados problemas de aprendizagem que o sujeito possa ter adquirido ao longo de sua trajetória acadêmica, confere?

O sentido de instituir uma práxis psicopedagógica de qualidade e preventiva está diretamente relacionado à sondagem dos aspectos orgânicos, cognitivos, afetivos ou sociais do sujeito investigado, bem como o meio institucional analisado, concorda?

Assim, a psicopedagogia está organizada em uma prática que pretende elucidar comandos favoráveis ao processo de ensino e aprendizagem, e que estes busquem ressignificar métodos e estratégias de ensino que, por sua vez, sejam mais dinâmicos, atrativos e envolventes.

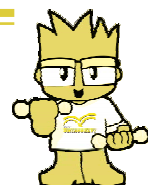
Para que, de fato, sejam cumpridas as etapas do ensino e da aprendizagem, subentendendo-se que este processo caminha numa inegável via de mão dupla.

Educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que pouco sabem - por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais - em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais (FREIRE, 2006, p.25).

Psicopedagogicamente pensando, deve-se sempre ter um olhar interpretativo para a questão do sujeito a ser estudado por outro sujeito, cuja ação, tanto clínica terapêutica quanto preventiva, deve respeitar as características pessoais e subjetivas de cada sujeito interpretado, ou seja, como cada um se define no imaginário do outro.

Ainda em Freire (2006, p. 36), encontramos que “[...] o conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aqueles que se julga não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações”.

Atividade de Estudo:



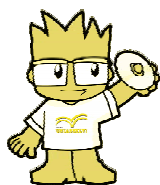
- 1) Pare um pouco para ler, analisar e refletir sobre a seguinte frase:

“Sou o intervalo entre meu desejo e aquilo que o desejo dos outros fizeram de mim”.

Fonte: (ALVES, R.; SOUSA, M. 2005, p. 22).

Agora, o desafio é colocar no papel a sua interpretação da frase a partir das reflexões realizadas.

Espero que você tenha gostado da experiência de olhar para dentro de si e perceber que a essência humana de ser é que faz seres humanos especiais!



Caro(a) pós-graduando(a), no endereço eletrônico que segue você vai encontrar um trecho do DVD “A psicopedagogia”, de autoria da Dra. Nádía Aparecida Bossa. Veja: <<https://www.youtube.com/watch?v=YPCMnUr2RVE>>.

Vale a pena conferir!



Caro(a) estudante, perceba que os conceitos estudados até aqui são instrumentos facilitadores para compreender o assunto e, também, para o reconhecimento do campo de atuação que é a Psicopedagogia. Nesse sentido, há uma inegável intenção de instruir-lhe positivamente para o exercício profissional psicopedagógico. Veja:

Campos de atuação do profissional psicopedagogo

Clínico: realiza entrevista investigativa com a família e a escola. Analisa e avalia o sujeito de aprendizagem no seu processo. Investiga e cria hipóteses diagnósticas das possíveis causas que ocasionam as desordens da aprendizagem. Realiza intervenções planejadas nos sintomas aparentes (como, por exemplo, aplica testes específicos). Instiga a evolução do quadro apresentado (queixa). Sugere encaminhamentos a outros profissionais competentes, caso haja necessidade. Cria parceria com a instituição de ensino em que o sujeito se encontra inserido, dando suporte sempre que necessário. Finaliza seu trabalho dando a devolutiva de todo o processo clínico psicopedagógico, tanto terapêutico quanto preventivo, aos segmentos interessados nesse profissional (família, escola, entre outros).

Hospitalar: analisa e investiga o sujeito de aprendizagem dentro de determinado momento de sua vida, como, por exemplo, em uma determinada situação de doença que pode estar prejudicando os compromissos escolares e dificultando o acompanhamento dos conteúdos escolares.

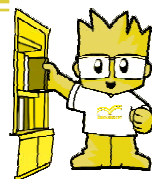
Institucional: educativa de um modo em geral, como exemplo, uma casa de abrigo.

Escolar: instituição de ensino/escola. Envolve o sujeito de aprendizagem também, mas está mais voltado para a questão dentro da equipe pedagógica, ou seja, seu olhar deve dirigir-se para a equipe técnica e pedagógica; para o planejamento escolar; para as relações família/escola; professor/aluno; para a metodologia adotada pelos professores; para as políticas educacionais que interferem profundamente no processo individual e coletivo. Trata-se de um olhar amplo para todas as relações dentro da escola. Um olhar do alto, de cima, para o meio, para o todo escolar. Entende-se que, realizando as intervenções nos espaços do saber compartilhado, atinja o maior número de alunos que possam estar comprometidos com suas rotinas de estudos. Realiza triagem investigativa para posterior encaminhamento psicopedagógico clínico.

Empresa: o foco é o processo de aprendizagem do sujeito frente à função que vai exercer dentro da empresa ou dentro de uma determinada organização.

Fonte: Adaptado de Bossa (2008).

Para aprofundar seus conhecimentos acerca da Psicopedagogia clínica, sugere-se a seguinte obra: ACAMPORA, Bianca. **Psicopedagogia clínica:** o despertar das potencialidades. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.



Agora, que tal conhecer uma pouco mais sobre a psicopedagogia no contexto escolar?

Pois bem, ao analisar uma escola, devemos ter em mente que a instituição de ensino é composta por humanos, portanto, quando falamos da escola, estamos falando de pessoas, de gente, de ser humano, não é mesmo? Dessa forma, a ideia de subentender a escola como um prédio ou uma construção se descarta, ok? Dentro dessa reflexão, considera-se, portanto, a escola como um espaço humano e humanizador.

Instituição de ensino é composta por humanos, portanto, quando falamos da escola, estamos falando de pessoas, de gente, de ser humano.

Assim, devemos reconhecer que qualquer espaço humano e humanizador se encontram inserido dentro de uma determinada cultura, com todas as suas características e tradições. Cada instituição de ensino possui um caráter individual, particular e subjetivo, que pertence a um determinado momento histórico, uma determinada comunidade, ou melhor, que está inserido em um determinado contexto escolar.

Ficou claro até aqui? Então, vamos dar continuidade e conhecer sinteticamente a origem da escola. Sigamos!

Voltando no tempo, podemos perceber que a escola nasce no século XVIII como instituição formal. Nasce no momento em que as condições de higiene estavam preocupando as pessoas. A condição do ser humano na época, por não manter bons hábitos, gerava uma situação muito condizente à contingência de epidemias. Nesse sentido, os médicos buscaram criar um cenário no qual, de maneira preventiva, pudessem educar para a importância de manter hábitos higiênicos e disciplinares (BOSSA, 2008).

A instituição de ensino surge com os religiosos que, na época, mantinham uma ampla interferência social. De um modo geral, havia um grande domínio populacional dessa entidade e a sua finalidade era promover hábitos de higiene e disciplina. A contribuição dos religiosos reporta para a escola o aspecto do ponto de vista moral da disciplina (BOSSA, 2008).

Sobre a indagação de ensinar e de aprender, do ponto de vista da construção do conhecimento da época, esta era reservada apenas aos nobres. Esses, por sua vez, contavam com seus próprios preceptores na comodidade de seus lares (BOSSA, 2008).

A partir desses movimentos, surgem, portanto, as teorias pedagógicas. Essas teorias fundamentam a práxis do ensino no âmbito escolar. Atualmente, percebemos muitas mudanças, mas a base dessa tradição ainda continua a mesma, como, por exemplo, enfileirar as carteiras na sala de aula.

Baseando-nos em Bossa (2008), as principais atribuições do psicopedagogo no âmbito escolar consistem em ter um olhar particular e subjetivo para aquela determinada escola, aquela instituição de ensino, aquela realidade, que atende uma determinada comunidade, apresenta determinados objetivos e se contextualiza no tempo e no espaço.

Estando clara a origem da suposta escola, ou seja, em que base teórico-pedagógica se encontra, quais são as influências da formação de seus professores e quais políticas educacionais devem ser respeitadas, é preciso ter em mente que o fracasso da instituição escolar não é o fracasso do aluno ou do professor. Assim, ao mirar o fracasso, deve-se prevenir os demais sujeitos desse mesmo fracasso, desse mesmo sintoma.

Ao mirar o fracasso, deve-se prevenir os demais sujeitos desse mesmo fracasso, desse mesmo sintoma.

Entenda que o fracasso escolar ou a desordem de aprendizagem não é a causa do problema de aprendizagem propriamente dito. É resultado de uma série de fatores que criaram aquela determinada situação. Dessa maneira, não adianta tratar os sintomas sem tratar a suposta interferência ou causa dessa situação problemática na aprendizagem do sujeito.

Para melhor compreender, imagine que, quando há uma febre, o corpo alerta de que algo não está muito bem no organismo, não é mesmo? Esta febre pode estar relacionada a uma infecção grave ou apenas uma laringite. Assim, pode ser uma coisa ou outra. Nesse sentido, o importante é avaliar cada situação e descartar algumas possibilidades até chegar ao que realmente está causando a febre, ficou claro até aqui?

O importante é avaliar cada situação e descartar algumas possibilidades.

Pois bem, é com esse olhar que o psicopedagogo deverá analisar e investigar as possíveis causas desses sintomas de ausência de aprendizagem, descartando algumas, considerando e intervindo noutras, enfim, respeitando todas as variáveis. Assim, considerará o sintoma, ou seja, a queixa apresentada, como um ponto de partida e não ponto final na investigação.

Que tal um exemplo simples de como avaliar as possíveis causas da não aprendizagem?

Pois bem, Vamos lá!

Aconteceu um acidente de trânsito e o carro envolvido nesse incidente caiu numa ribanceira. O motorista é resgatado sem vida. Quais foram as causas que possivelmente interferiram ou influenciaram nesse acidente? Quais as pistas indicativas que temos para iniciar a investigação do ocorrido? Poderemos levantar dados, tais como: chovia muito forte no momento da tragédia; o motorista estava embriagado; a pista estava irregular e havia uma curva; um caminhão cortou a frente do carro; o motorista estava no celular e



não prestou atenção na placa de sinalização que alertava sobre o perigo daquele trajeto; havia um animal atravessando a pista e o motorista ao tentar desviar perdeu o controle da direção; o carro, por problemas mecânicos, não aceitou os comandos do motorista; o sono influenciou no controle da direção do motorista; a luz alta que vinha na direção contrária ofuscou a visão do motorista, enfim, as causas podem ser muitas. Está conseguindo compreender até aqui ou ainda parece confuso? Então, vamos mais adiante!

Tenha certeza de uma coisa, pretendemos afirmar com esse exemplo que não é aconselhável diagnosticar num único ou primeiro olhar investigativo. Faz-se necessária uma análise bastante criteriosa e muito clara para não se comprometer com falsas verdades, aliás, não existe verdade plena na ação psicopedagógica, lembre-se sempre disso!

Existem, sim, possíveis verdades e não verdades absolutas. Para determinado momento, aquela talvez tenha sido a verdade, mas para um outro momento, num outro contexto, embora as circunstâncias sejam as mesmas, a verdade pode ser diferente.



Fique atento! Não é possível aceitar receitas prontas para diagnosticar as causas dos mais variados problemas de aprendizagem, mas sobre isso você vai estudar nas próximas disciplinas do curso. Para não pecar, deve-se analisar criteriosamente todas as variáveis e tomar cuidado com as verdades aparentes. O sintoma deve servir como alerta de que algo não está bem e precisa ser modificado o quanto antes, pois quanto antes intervir no sintoma, melhor será a chance de obter resultados favoráveis ao processo de ensino e aprendizagem.

O exemplo demonstrado deve proporcionar um direcionamento mais específico da Psicopedagogia no contexto escolar. Nesse sentido, destaca-se a importância do profissional no âmbito educativo para instrumentalizar a educação e a pedagogia. E esta ação contribuirá para minimizar os prejuízos decorrentes do possível fracasso escolar; clarear os elementos que possam servir de obstáculos ao processo de

ensino e aprendizagem; inovar em atitudes, em estratégias e, caso seja necessário, mudar a estrutura educacional para que a escola faça de fato sua tarefa; analisar a pertinência dos conteúdos, a subjetividade que se faz presente dentro das relações professor/aluno, aluno/família, família/escola; considerar todos os fatores de risco; realizar uma análise contextual; motivar e movimentar o psicodinamismo da escola, ou seja, reconhecer uma força única, voltada às energias do universo escolar; reconhecer o professor dentro da cultura, o professor no imaginário do aluno e o aluno no imaginário do professor (BOSSA, 2008).

Atividade de Estudos:

Agora, o desafio é realizar a seguinte atividade:



- 1) Destaque as palavras-chave ou frases-chave que você encontrou ao longo da leitura sobre o papel do psicopedagogo no contexto escolar.

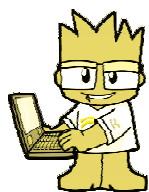
Bossa (2008) alerta que para o psicopedagogo escolar exercer seu papel com qualidade, é imprescindível que ele tenha em sua prática um profundo conhecimento acerca da história da profissão, das teorias que fundamentam a prática e dos conteúdos que são ensinados.

Também devem ser considerados os objetivos dos conteúdos, os requisitos básicos que são necessários para aprender, a condição de análise da subjetividade, enfim, um olhar atento a todo e qualquer movimento dentro daquela determinada escola (BOSSA, 2008).

O psicopedagogo deve perceber que é um sujeito que olha para o mundo, constituído por milhares de subjetividades, onde existe algo específico circulando dentro desse mundo de relações, no qual é preciso identificar elementos que

possam favorecer e contribuir, ou, por outro lado, elementos que possam dificultar, bloquear e até mesmo travar o processo de ensino e aprendizagem (BOSSA, 2008).

Seguindo essa lógica, o desejo do psicopedagogo, como parceiro escolar, é possibilitar com suas intervenções que a escola ofereça metodologias mais apropriadas, com conteúdos atrativos, que possam segurar por mais tempo o pensamento do sujeito. É, também, instruir de forma organizada a prevenção ou reparação da dimensão orgânica, mental e emocional da criança, verificando e analisando seus estímulos internos e externos (BOSSA, 2008).



Leia o artigo de autoria de Renata Tereza da Silva Ferreira, sobre o tema “A importância da psicopedagogia no ensino fundamental – 1ª a 4ª séries”, no seguinte endereço eletrônico: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=348>>.

Ferreira (2002) aponta que mesmo a escola se preocupando com os problemas de aprendizagem, nunca conseguiria abarcá-los na sua totalidade. Segundo a autora, alguns alunos com problemas escolares demonstram um padrão de comportamento mais prejudicado e, por essa razão, carecem de um atendimento psicopedagógico mais individualizado em clínicas. Com isso, desponta a necessidade de uma atuação psicopedagógica em modalidades diferentes, pois, dessa forma, uma deve ter caráter mais preventivo com o intuito de estar atenuando ou evitando os problemas de aprendizagem dentro da escola e, outra, a clínico-terapêutica, para a qual seriam encaminhadas apenas as crianças com maiores comprometimentos, que não pudessem ser resolvidos na escola.

Nesse sentido, é importante destacar a análise de Coll, Marchesi e Palácios (2004, p. 69). Veja:

Na avaliação psicopedagógica, os resultados precisam ser ajustados em adequações curriculares individuais, sob as quais, apoiado no projeto curricular da escola, possam ser remodelados, de maneira a se amoldar às necessidades educativas especiais do aluno.

Muito bem! Agora é preciso identificar quais as principais atribuições do profissional psicopedagogo no âmbito clínico. Vamos lá!



Segundo Grassi (2009, p. 143), na “psicopedagogia clínica desenvolve-se um trabalho de avaliação diagnóstica psicopedagógica em que se procura conhecer o sujeito como ele é, considerando todos os aspectos que o constituíram”. A mesma autora acrescenta que “visa, também, prevenir outros problemas, bem como a intensificação das dificuldades”.

Para Acampora (2013, p. 69):

A avaliação psicopedagógica é a investigação do processo de aprendizagem do indivíduo, visando entender a origem da dificuldade e/ou distúrbio apresentado. Inclui entrevista contratual com os pais ou os responsáveis pela criança e/ou pelo adolescente, análise do material escolar, aplicação de diferentes modalidades de atividades e uso de testes para avaliação do desenvolvimento, áreas de competência e dificuldades apresentadas, anamnese, visita à escola (se for o caso) e devolução.

Perceba o quanto é importante e gratificante a ação psicopedagógica, seja ela no contexto escolar, seja no âmbito clínico, bem como nos demais campos que permitem a intervenção psicopedagógica, seja ela preventiva ou terapêutica.

Agora, fique tranquilo(a), caro(a) pós-graduando(a), e continue aprimorando os estudos, realizando a leitura do próximo assunto!

AS RELAÇÕES INTRA E INTERPESSOAIS NO CAMPO DA PSICOPEDAGOGIA

“A psicopedagogia está, de algum modo, dirigindo seu olhar precisamente para a inter-relação entre conhecer e saber”.

Alicia Fernández

Nesta etapa dos estudos, é preciso compreender as relações **intra** e **interpessoais** no campo da Psicopedagogia. A Psicopedagogia não se trata de uma área fixa, estagnada, mas de uma área que está em plena transformação e que aponta seu olhar para as inter-relações existentes entre o conhecimento e a habilidade de cada sujeito em seu contexto investigado.



A palavra **intra** significa dentro. A palavra **interpessoal** significa adjetivo de dois ou mais gêneros que envolvem relações entre duas ou mais pessoas.

Fonte: Houaiss (2001).

Muito bem! É preciso reconhecer que o relacionamento interpessoal traz seu conceito do âmbito da sociologia e da psicologia, tendo sido aprofundado e otimizado pelos estudos de Max Weber.

O relacionamento intrapessoal mantém na sua essência a aptidão do sujeito em se ligar consigo mesmo, ou seja, com seus reais conflitos, como, por exemplo, autoconhecimento, autodomínio, autoafirmação e automotivação.

Já um relacionamento interpessoal, normalmente é evidenciado pelo contexto em que o sujeito está inserido, seja no âmbito familiar, escolar, profissional ou social. Trata-se de uma relação social cercada por normas comportamentais que sugerem interações.

A essência de um relacionamento interpessoal pode ser baseada em amor, amizade, companheirismo, compaixão, respeito, gentileza, entre tantos outros bons sentimentos. Porém, também pode ser caracterizada por situações de inimizades, divergências, desacordos, enfrentamentos, revoltas, conflitos e outros.



Imagine que o conceito de intrapessoal é singular, inerente, profundo, pessoal, “EU”. Imagine que o conceito de interpessoal é plural, integrado, social, “NÓS”.

Agora, vamos pensar nesses conceitos importantes para a Psicopedagogia, certo?

Pois bem, o simples fato de contribuir para alcançar os resultados esperados demonstra atitudes relacionais intra e interpessoais positivas, preservando, assim, aspectos pessoais e profissionais.

Mas, será que conhecemos a nós mesmos? Será que somos capazes de perceber nossos limites? Será que somos capazes de demonstrar empatia? Será que agimos de forma ética e procuramos ser cordiais e sutis com os outros e com nós mesmos?

Regularmente fazemos uso do bom senso no momento de expor e defender nossos pensamentos, ideias e opiniões? No enfrentamento com nossos próprios conflitos, costumamos ser imprevisíveis, arrogantes e donos da verdade? Lembre-se de que atuar em qualquer campo da Psicopedagogia exige discernimento em todos os aspectos, confere?

*Jamais aponte culpados ao se defrontar com algum problema psicopedagógico.
Aponte, sim, caminhos, direcionamentos e possibilidades!*

Muito bem! Jamais aponte culpados ao se defrontar com algum problema psicopedagógico. Aponte, sim, caminhos, direcionamentos e possibilidades! Agindo assim, evitará comprometer-se e comprometer a integridade do outro. Isso é praticar a empatia na Psicopedagogia!

Antes de prosseguir, reflita sobre o seguinte pensamento:

Se o professor e seus alunos conseguirem estabelecer, em sua sala, uma atmosfera de respeito mútuo, onde divergências são acolhidas, visões distintas confrontadas, bases de desacordos compreendidas, soluções comuns buscadas e, sobretudo onde “errar” não significa falta de conhecimento e sim sinal de que uma estrutura está em construção, pode-se dizer que, de fato, a interação social do grupo é não só formativa como também constitutiva de um novo saber e de uma nova forma de relacionamento interpessoal (DAVIS; SILVA; ESPÓSITO, 1989, p. 54).

Agora, para complementar seus estudos, realize a leitura do capítulo XXI, da obra intitulada “O pequeno príncipe”, de autoria de Antoine de Saint-Exupéry. Veja:

Figura 2 – Capa do livro “O pequeno príncipe”



Fonte: Disponível em: <<https://goo.gl/JQHaQD>>. Acesso em: 11 fev. 2016.



E foi então que apareceu a raposa:

— Bom dia — disse a raposa.

— Bom dia — respondeu educadamente o pequeno príncipe, que, olhando a sua volta, nada viu.

— Eu estou aqui — disse a voz —, debaixo da macieira...

— Quem és tu? — perguntou o príncipezinho. — Tu és bem bonita...

— Sou uma raposa — disse a raposa.

— Vem brincar comigo — propôs ele. — Estou tão triste...

— Eu não posso brincar contigo — disse a raposa. — Não me cativaram ainda.

— Ah! Desculpe — disse o príncipezinho.

Mas, após refletir, acrescentou:

— Que quer dizer “cativar”?

— Tu não és daqui — disse a raposa. — Que procuras?

— Procuo os homens — disse o pequeno príncipe.

— Que quer dizer “cativar”?

— Os homens — disse a raposa — têm fuzis e caçam. É assustador! Criam galinhas também. É a única coisa que fazem de interessante. Tu procuras galinhas?

— Não — disse o príncipe. — Eu procuro amigos. Que quer dizer “cativar”?

— É algo quase sempre esquecido — disse a raposa.

— Significa “criar laços”...

— Criar laços?

— Exatamente — disse a raposa. — Tu não és ainda para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu também não tens necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo...

— Começo a compreender — disse o pequeno príncipe.

— Existe uma flor...eu creio que ela me cativou...

— É possível — disse a raposa. — Vê-se tanta coisa na Terra...

— Oh! Não foi na Terra — disse o príncipezinho.

A raposa intrigada:

— Num outro planeta?

— Sim.

— Há caçadores nesse planeta?

— Não.

— Que bom! E galinhas?

— Também não.

— Nada é perfeito — suspirou a raposa.

Mas raposa retornou o seu raciocínio.

— Minha vida é monótona. Eu caço as galinhas e os homens me caçam. Todas as galinhas se parecem e todos os homens se parecem também. E isso me incomoda um pouco. Mas, se tu me cativas, minha vida será como que cheia de sol. Conhecerei um barulho de passos que será diferente dos outros. Os outros passos me fazem entrar debaixo da terra. Os teus me chamarão para fora da toca, como se fossem música. E depois, olha! Vês, lá longe, os campos de trigo? Eu não como pão. O trigo para mim não vale nada. Os campos de trigo não me lembram coisa alguma. E isso é triste! Mas tu tens cabelos dourados. Então será maravilhoso quando me tiveres cativado. O trigo, que é dourado, fará com que eu me lembre de ti. E eu amarei o barulho do vento no trigo...

A raposa calou-se e observou por muito tempo o príncipe:

— Por favor...cativa-me! — disse ela.

— Eu até gostaria — disse o príncipezinho —, mas não tenho muito tempo. Tenho amigos a descobrir e muitas coisas a conhecer.

— A gente só conhece bem as coisas que cativou — disse a raposa. — Os homens não têm mais tempo de conhecer coisa alguma. Compram tudo já pronto nas lojas. Mas, como não existem lojas de amigos, os homens não têm mais amigos. Se tu queres um amigo, cativa-se!

— Que é preciso fazer? — perguntou o pequeno príncipe.

— É preciso ser paciente — respondeu a raposa. — Tu te sentarás primeiro um pouco longe de mim, assim, na relva. Eu te olharei com o canto do olho e tu não dirás nada. A linguagem é uma fonte de mal-entendidos. Mas, cada dia, te sentará mais perto...

No dia seguinte o príncipezinho voltou.

— Teria sido melhor se voltasses à mesma hora — disse a raposa. — Se tu vens, por exemplo, às quatro da tarde, desde as três eu começarei a ser feliz. Às quatro horas, então, estarei inquieta e agitada: descobrirei o preço da felicidade! Mas, se tu vens a qualquer momento, nunca saberei a hora de preparar meu coração... É preciso que haja um ritual.

— Que é um “ritual”? — perguntou o príncipezinho.

— É uma coisa muito esquecida também — disse a raposa.

— É o que faz com que um dia seja diferente dos outros dias; uma hora, das outras horas. Os meus caçadores, por exemplo,

adotam um ritual. Dançam na quinta-feira com as moças da aldeia. A quinta-feira é então o dia maravilhoso! Vou passear até a vinha. Se os caçadores dançassem em qualquer dia, os dias seriam todos iguais, e eu nunca teria férias!

Assim, o pequeno príncipe cativou a raposa. Mas, quando chegou a hora da partida, a raposa disse:

— Ah! Eu vou chorar.

— A culpa é tua — disse o príncipezinho. — Eu não queria te fazer mal; mas tu quiseste que eu te cativasse...

— Quis — disse a raposa.

— Mas tu vais chorar! — disse ele.

— Vou — disse a raposa.

— Então, não terás ganhado nada!

— Terei, sim — disse a raposa —, por causa da cor do trigo.

Depois ela acrescentou:

— Vai rever as rosas. Assim compreenderás que a tua é única no mundo. Tu voltarás para me dizer adeus, e eu te presentarei com um segredo.

O pequeno príncipe foi rever as rosas:

— Vós não sois absolutamente iguais à minha rosa, vós não sois nada ainda. Ninguém ainda vos cativou, nem cativastes ninguém. Sois como era a raposa. Era uma raposa igual a cem mil outras. Mas eu a tornei minha amiga. Agora ela é única no mundo.

E as rosas ficaram desapontadas.

— Sois belas, mas vazias — continuou ele. — Não se pode morrer por vós. Um passante qualquer sem dúvida pensaria que a minha rosa se parece convosco. Ela sozinha é, porém, mais importante que todas vós, pois foi ela que eu reguei. Foi ela que pus sob a redoma. Foi ela que abriguei com o para-vento. Foi por ela que eu matei as larvas (exceto duas ou três, por causa das borboletas). Foi ela que eu escutei se queixar ou se gabar, ou mesmo calar-se algumas vezes, já que ela é minha rosa.

E voltou, então, à raposa:

— Adeus... — disse ele.

— Adeus — disse a raposa. — Eis o meu segredo. É muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos.

— O essencial é invisível aos olhos — repetiu o príncipezinho, para não se esquecer.

— Foi o tempo que perdeste com tua rosa que a fez tão importante.

— Foi o tempo que eu perdi com minha rosa... — repetiu

ele, para não se esquecer.

— Os homens esqueceram essa verdade — disse ainda a raposa. — Mas tu não deves esquecer. Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas. Tu és responsável pela tua rosa...

— Eu sou responsável pela minha rosa... — repetiu o príncipezinho, para não se esquecer.

Fonte: Saint-Exupéry (2009, p. 32)

Após compartilhar essa leitura, esperamos que você, pós-graduando(a), possa estar cativado, ou melhor, que possa ter criado laços fortes com a proposta da Psicopedagogia!

Atividade de Estudo:



- 1) Que tal agora colocar no papel o que você, pós-graduando(a), compreendeu com a passagem do texto anteriormente transcrita? Descreva de maneira simples, contrapondo os fatos com a sua realidade e com base na sua interpretação pessoal. Vamos tentar?

Prezado(a) estudante, com as discussões feitas até o momento, esperamos que seu ânimo e motivação estejam em pleno vigor para continuar os estudos sobre o processo de aprendizagem da Psicopedagogia clínica e institucional, conforme veremos a seguir. Desejamos que o sentimento de entusiasmo e a alegria estejam constantemente presentes na sua atuação acadêmica. Fique certo de que todo esforço será recompensado!

O PROCESSO DE APRENDIZAGEM NOS ESTUDOS DA PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL

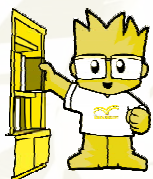
*“O que significa aprender?
É adquirir primeiro e conservar depois”.*

Roger Deldime e Richard Demoulin

Neste momento, o estudo será direcionado para os domínios da aprendizagem humana e, sendo assim, também será preciso voltar um pouco na história para lembrar que no Brasil a ausência de sucesso escolar costumava ser interpretada como sendo de causa orgânica, uma vez que “[...] essa visão teórica de concepção organicista, via esse problema como uma patologia que atingia os educandos, dificultando sua aprendizagem” (BALESTRA, 2007, p. 10).

Na década de 70, considerando o problema como uma patologia, originou-se a crença de que a causa dos problemas de aprendizagem era, na maioria das vezes, uma disfunção neurológica não-detectável no exame clínico, recebendo o nome dedisfunção cerebral mínima ou DCM (BALESTRA, 2007).

Graças à influência das pesquisas, como, por exemplo, daquela realizada por Maria Helena Souza Patto, o fracasso escolar passou a ser pensado e explicado a partir de uma visão sociopolítica. A partir desse entendimento, começou-se a perceber que os problemas de aprendizagem poderiam ser encontrados na dificuldade da criança em adaptar-se à cultura escolar, que, por vezes, apresentava-se completamente diferente daquela vivida pelo aluno no meio familiar. A bagagem que ele trazia de casa não era reconhecida como ponto de partida para um novo patamar de aprendizado no ambiente escolar. É a partir dessa visão sociopolítica que foi concebido o curso de Psicopedagogia (BALESTRA, 2007).



Para aprofundar mais seus conhecimentos sobre o assunto, leia a seguinte obra:

BALESTRA, Maria Marta Mazaro. A psicopedagogia em Piaget: uma ponte para a educação da liberdade. Curitiba: Ibpex, 2007.

Balestra (2007, p. 10) revela que “[...] as experiências resultantes dos trabalhos de Jean Piaget, entre outros, é que dão um referencial para esta discussão, então, instaurada”. Assim, a teoria de Jean Piaget, intitulada **epistemologia** genética, estabelece uma das principais bases teóricas exigida pelos conteúdos programáticos nas especializações em Psicopedagogia.

Lembre-se de que Lev Semenovitch Vygotsky, Célestin Freinet, Emilia Ferreiro, Ana Teberosky, entre tantos outros, sempre estão presentes nos estudos psicopedagógicos.

A teoria de Jean Piaget, intitulada epistemologia genética, estabelece uma das principais bases teóricas exigida pelos conteúdos programáticos nas especializações em Psicopedagogia.

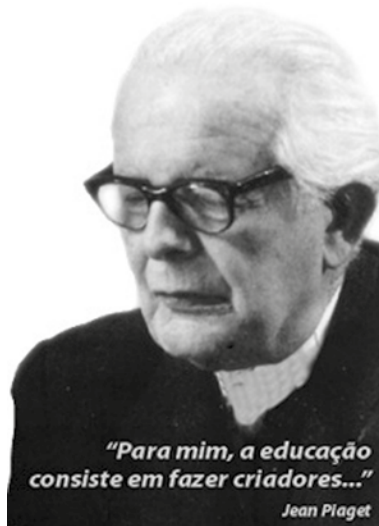
Epistemologia: reflexão geral em torno da natureza, etapas e limites do conhecimento humano.



Gnosiologia: estudo dos postulados, conclusões e métodos dos diferentes ramos do saber científico, ou das teorias e práticas em geral, avaliadas em sua validade cognitiva ou descritiva em suas trajetórias, seus paradigmas estruturais ou suas relações com a sociedade e a história.

Fonte: Houaiss (2001).

Figura 3 - Jean William Fritz Piaget



Fonte: Disponível em: <<http://goo.gl/vqW8i1>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

Em seus estudos investigativos, Jean Piaget descobriu que as respostas erradas eram com frequência mais interessantes do que as corretas.

Para Jean Piaget, tanto as ações externas como os processos de pensamento implicam numa organização lógica. Assim, busca-se conjugar essas duas variáveis (lógico e biológico) numa única teoria e apresentar uma solução para o problema do conhecimento humano.

Em seus estudos investigativos, Jean Piaget descobriu que as respostas erradas eram com frequência mais interessantes do que as corretas (PIAGET, 1978).

Ele observou, também, que as crianças com a mesma idade cometiam (ou sugeriam) os mesmos tipos de erros nas respostas, fato que o levou a uma conclusão importante, pois para compreender o pensamento da criança, era indispensável que se desviasse a atenção da quantidade de respostas certas e se concentrasse na qualidade da solução por ela apresentada. Daí a ideia central de sua teoria na qual a lógica de funcionamento mental da criança é quantitativamente diferente da lógica adulta (PIAGET, 1974).

Para Piaget (1976), o pensamento é a base que converge à aprendizagem, ou seja, é a maneira da inteligência se manifestar. A inteligência, por sua vez, é um fenômeno biológico, condicionado pela base neurônica do cérebro e do corpo inteiro, sujeito ao processo de maturação do organismo.

Nessa perspectiva, o objeto do conhecimento se refere a um meio genérico que engloba tanto os aspectos físicos como os sociais. Nas sistematizações teóricas de Piaget (1978), a aprendizagem tem mais chance de ser efetiva quando pautada nas necessidades da criança.

A aprendizagem, no geral, é provocada por situações externas, enquanto o desenvolvimento é um processo espontâneo.

Primeiro porque o interesse parte da própria criança, revelando se o seu nível de organização mental está apto ou não para realizar tal aquisição, demonstrando amadurecimento na sua estrutura cognitiva (PIAGET, 1974).

A aprendizagem, no geral, é provocada por situações externas, enquanto o desenvolvimento é um processo espontâneo, ligado à embriogênese, e que se refere, em última análise, à totalidade das estruturas de conhecimento.

Nesse pressuposto, o processo de desenvolvimento pode explicar muitos aspectos da aprendizagem, mas o inverso não é verdadeiro. Isso significa dizer que as teses de aprendizagem não conseguem explicar o desenvolvimento (PIAGET, 1976).

Segundo porque, para Piaget (1978), a aprendizagem passa a ser o meio no qual a necessidade do sujeito pode ser satisfeita, ou seja, a aprendizagem passa a ser necessária.

Ainda em Piaget (1994), o desenvolvimento do pensamento que tem início com o nascimento e termina com a aquisição do raciocínio lógico formal, é comparável ao crescimento orgânico onde o desenvolvimento do pensamento orienta-se sempre para um estado de equilíbrio.

Agora, é preciso compreender um pouco como a inteligência se desenvolve. Vamos lá!

Para Piaget (1978), a vida é, em essência, autorregulação, pois acredita que é para dar continuidade ao equilíbrio dinâmico com o meio ambiente que costumamos desenvolver a inteligência. Quando o equilíbrio se rompe, o indivíduo age sobre o que o afetou (um som, uma imagem ou uma informação), buscando se reequilibrar por meio da adaptação e da organização.

Na adaptação dos processos mentais existem duas formas ou mecanismos básicos para as situações novas que o sujeito precisa enfrentar, quais sejam: assimilação e acomodação. Na assimilação o sujeito usa as estruturas psíquicas de que já dispõe, ou seja, ele incorpora nas suas atuais estruturas mentais as novas informações ou experiências, sem necessidade de haver alteração nelas (PIAGET, 1978). A acomodação é o processo no qual o sujeito reorganiza as estruturas psíquicas para que os novos conhecimentos possam ser incorporados e ajustados às novas imposições intermediárias (PIAGET, 1978).

Na organização se articulam (sistemizam) os processos com as estruturas existentes, reorganizando todo o conjunto. Dessa forma, o sujeito constrói e reconstrói continuamente as estruturas que o tornam cada vez mais apto ao equilíbrio. Essas estruturações seguem um padrão em idades mais ou menos determinadas. São os estágios que se dividem em vários subestágios com formas específicas de inteligência (PIAGET, 1978).

Esses estágios são uma divisão em faixas etárias e uma referência, mas não uma norma rígida. Veja:

- Período senso-motor (0 a 2 anos): nessa fase a criança explora o mundo por meio dos sentidos, isto é, ela precisa tocar e provar os objetos. Essa exploração não é intelectual, ela ocorre acidentalmente, por reflexos (tato, visão, paladar, olfato, audição). A partir de reflexos neurológicos básicos, o bebê começa a construir esquemas de ação para assimilar mentalmente o meio (PIAGET, 1978).

- Período pré-operatório (2 a 7 anos): nessa fase a criança apresenta os seguintes estágios diferenciados: estágio egocêntrico (2 a 4 anos) e o estágio intuitivo (4 a 7 anos) (PIAGET, 1978).
- Período operatório (7 a 12 anos): nessa fase a criança consegue usar a lógica para chegar às soluções da maior parte dos problemas concretos. Entretanto, a sua dificuldade aumenta quando se trata de lidar com problemas não concretos. Desenvolve também a capacidade de refazer um trajeto mental, voltando ao ponto inicial de uma situação (PIAGET, 1978).
- Período operatório formal (12 anos em diante): o pensamento lógico consegue ser aplicado a todos os problemas que surgem (o que não implica dizer que todo adolescente é totalmente lógico em suas ações). A representação agora permite a abstração total. O adolescente não se limita mais a representação imediata, nem somente às relações previamente existentes, mas é capaz de pensar em todas as relações possíveis logicamente. Em um ambiente adequado e propício, o adolescente desenvolve sua potencialidade, favorecendo, assim, não só seu crescimento físico, mas também o emocional e o social (PIAGET, 1978).

Agora vamos conhecer um pouco sobre o desenvolvimento mental.

Em cada um dos aspectos complexos da vida psíquica, seja da inteligência, seja da vida afetiva, das relações sociais ou da atividade individual, observa-se o aparecimento de novas formas de organização.

Piaget (1978) afirma que a personalidade se forma no final da infância, entre os 12 anos, com a organização autônoma das regras, dos valores e a afirmação da vontade. Esses aspectos subordinaram-se num sistema único e pessoal e vão se interiorizar na construção de um projeto de vida.

A personalidade se forma no final da infância, entre os 12 anos, com a organização autônoma das regras, dos valores e a afirmação da vontade.



Não devemos esquecer que Jean Piaget (1896-1980) sempre bateu duro na escola tradicional e defendeu as práticas baseadas em jogos, pesquisas e trabalhos em grupo.

Caro(a) aluno(a), com base nos estudos realizados, é importante lembrar a necessidade de constantes pesquisas acerca dos temas abordados. Compreenda, assim, que essa discussão não encerra aqui. Ainda há muito para buscar sobre como a inteligência de fato acontece.

Para dar continuidade aos estudos, convidamos você, pós-graduando(a), para aprofundar seus conhecimentos sobre a Psicopedagogia como auxiliadora das várias atividades humanas. Vamos lá!

A PSICOPEDAGOGIA COMO AUXILIADORA DAS VÁRIAS ATIVIDADES HUMANAS

“A aprendizagem normal se dá na integração do pensar, sentir, falar e agir do aprendente”.

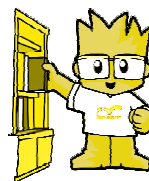
Maria Lúcia Weiss

Baseando-nos nas leituras realizadas até o momento, torna-se mais simples compreender de que modo a Psicopedagogia pode auxiliar as várias atividades humanas, não é mesmo?

Contudo, faz-se necessário apontar alguns caminhos que direcionam para uma maior compreensão do assunto.

A partir da perspectiva piagetiana, a formação moral e intelectual do indivíduo deve sempre ser considerada, pois na atuação e ação psicopedagógica as manifestações dos sentimentos ou tendências afetivas de cada ser humano possibilitam uma melhor interpretação da subjetividade, prevenindo falsos diagnósticos.

Na busca de um olhar diferenciado sobre ao assunto, sugerimos a leitura da seguinte obra: VECCHIO, Egidio. **Educando crianças indigo**: uma nova pedagogia da nova era. São Paulo: Butterfly, 2006.

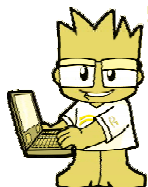


Para Scoz (1987, p. 38), “[...] a compreensão do fenômeno da aprendizagem de forma a integrar as várias áreas do conhecimento e considerando, ainda, os diferentes níveis evolutivos, não é uma tarefa fácil”. A citada autora entende que não é tão simples para o profissional psicopedagogo resolver sozinho tal tarefa. Para ela “é na interdisciplinaridade, pela conjugação de esforços de diversos especialistas, que se buscará desvendar este fenômeno tão complexo e tão desafiador que é a aprendizagem humana” (SCOZ, 1987, p. 38).

É na interdisciplinaridade, pela conjugação de esforços de diversos especialistas, que se buscará desvendar este fenômeno tão complexo e tão desafiador que é a aprendizagem humana.

O profissional psicopedagogo, ao perceber que não cabe intervir para solucionar ou amenizar a queixa/problema apresentado, deverá ter a decência de saber o seu limite e realizar os encaminhamentos adequados e bem avaliados. Dessa forma, ele se compromete apenas auxiliando no que é possível, evitando adentrar numa área de estudos que não lhe compete.

É necessário acrescentar que “temos sido modelados profissionalmente para a ‘pinçagem’ de fatos e não para a captação elaborada das relações sociais que engendramos no nosso modo de convivência coletiva e pública” (SCOZ, 1987, p. 44). É indispensável que o profissional psicopedagogo, nesse encaixe interdisciplinar, “canalize esforços para o benefício da maioria de nossa população em idade escolar” (SCOZ, 1987, p. 44). Com essa consciência, o psicopedagogo deve buscar “contextualizar o saber escolar” (SCOZ, 1987, p. 44).



Para aprofundar seus estudos sobre o assunto, sugerimos a leitura do artigo de autoria de Matheus Soares e Clério Cezar Batista Sena, intitulado “A contribuição do psicopedagogo no contexto escolar”, disponível no seguinte endereço eletrônico: <<http://www.abpp.com.br/sites/default/files/126.pdf>>.

Dentre os muitos desafios relacionados com a Psicopedagogia, um é inegável: a busca pela construção de processos que possibilitem ao ser humano se humanizar, ou seja, desenvolver métodos existenciais mais saudáveis e significativos por meio de estratégias psicopedagógicas individuais e coletivas.

Assim, ao se deparar com uma situação problema, procure superar ou subjugar o obstáculo. Lembre-se de que a ação interventiva ou interceptiva, previamente articulada, é comandada pela identidade e pela consciência. Por isso, tenha sempre em mente a essência includente e humanizadora.

Nesse sentido, a ideia de incluir para somar é muito bem vista na Psicopedagogia, pois é na cooperação que, de fato, compreende-se a inclusão.



Para pensar psicopedagogicamente em inclusão, segue um poema de Marcio Sakyo Poffo Taniguti. Veja:

Cheguei lá!
Estou caminhando
Numa estrada sem fim

Vou andando só
No caminho tem muitas pedras
São pesadas
Não posso desistir
Tenho que continuar
Tirando as pedras do meu caminho
Para um dia eu falar
Eu cheguei lá

Fonte: Taniguti (2011, p. 9).

Desejamos que, nas entrelinhas desse poema, você, pós-graduando(a), aspire à mais pura essência de um humano que se respeita e não se restringe às limitações!

Estimado(a) estudante, é essencial respeitar toda e qualquer forma de inclusão, no sentido mais amplo da palavra. Incluir para somar é a chave do modelo perfeito para abrir as portas de uma sociedade justa e humana, que considera e respeita todas as diferenças que existem no mundo com um olhar mais inclusivo!

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Chegamos ao fim de mais uma etapa dos estudos. Esperamos que você, pós-graduando(a), tenha identificado cada campo de atuação do profissional psicopedagogo, bem como elucidado aspectos importantes sobre o processo da aprendizagem humana. Deve ter compreendido, também, que ressignificar hábitos e atitudes, no contexto psicopedagógico, implicarão uma ação gradativa para alguém que se dispõe a manter saudáveis relações intra e interpessoais em qualquer campo de atuação.

No próximo capítulo, será possível compreender melhor que a discussão sobre aprendizagem é o foco norteador do profissional psicopedagogo. Até mais!

REFERÊNCIAS

ACAMPORA, B. **Psicopedagogia clínica: o despertar das potencialidades**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

ALVES, R.; SOUSA, M. **Pinóquio às avessas: uma história sobre crianças e escolas para pais e professores**. São Paulo: Verus, 2005.

BALESTRA, M. M. M. **A psicopedagogia em Piaget: uma ponte para a educação da liberdade**. Curitiba: Ibepex, 2007.

BOSSA, N. **Coleção psicopedagogia**. Direção de Paulo Aspis. São Paulo: Mídias e Educação, 2008. 4 DVDs.

_____. **Fracasso escolar**: um olhar psicopedagógico. Porto Alegre: Artmed, 2002.

_____. **A psicopedagogia no Brasil**: contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

COLL, C.; MARCHESI, Á.; PALACIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação**: transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais. Tradução de Fátima Murad. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

CORDIÉ, A. **Os atrasados não existem**: psicanálise de crianças com fracasso escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

DAVIS, C.; SILVA, M. A. S.; ESPÓSITO, Y. **Papel e valor das interações sociais em sala de aula**. São Paulo: Cadernos de Pesquisa, 1989.

FERREIRA, R. T. S. **A importância da psicopedagogia no ensino fundamental de 1ª a 4ª séries**. 2002. Disponível em: <www.psicopedagogiaonline.com.br>. Acesso em: 18 de fev. 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GRASSI, T. M. **Psicopedagogia**: um olhar, uma escuta. Curitiba: Ibpex, 2009.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

PIAGET, J. **A epistemologia genética**: sabedoria e ilusões da filosofia; problemas de psicologia genética. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. **A equilibrção das estruturas cognitivas**: problema central ao desenvolvimento. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

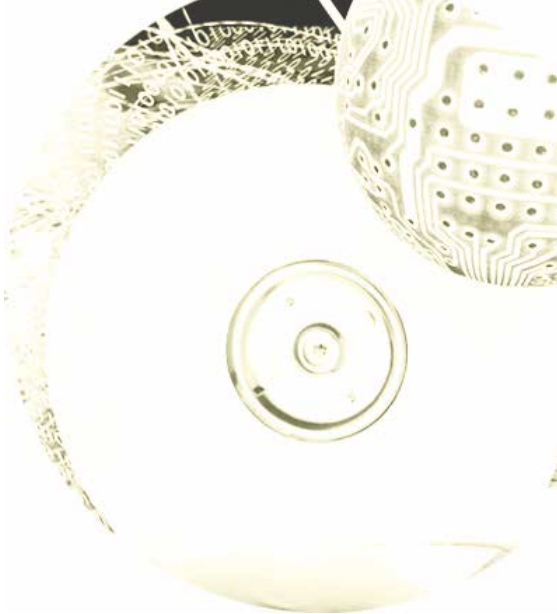
_____. **A construção do real da criança**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

_____. **O juízo moral da criança**. São Paulo: Summus, 1994.

SAINT-EXUPÉRY, A. **O Pequeno príncipe**. Tradução de Dom Marcos Barbosa. 48. ed. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2009.

SCOZ, B. J. L. **Psicopedagogia**: o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

TANIGUTI, M. S. P. **Meus primeiros passos**. Curitiba: Gênese, 2011.



CAPÍTULO 3

APRENDIZAGEM COMO FOCO NORTEADOR DO PROFISSIONAL PSICOPEDAGOGO

A partir da perspectiva do saber fazer, neste capítulo você terá os seguintes objetivos de aprendizagem:

- ✓ Conhecer as contribuições da Psicopedagogia no processo de ensino e aprendizagem.
- ✓ Aplicar os conhecimentos adquiridos para compreender os possíveis problemas de aprendizagem.
- ✓ Dinamizar de maneira contemplativa muitos dos processos de ensino e aprendizagem em que o sintoma aparente seja o fracasso escolar.



CONTEXTUALIZAÇÃO

“Quando você pensa que sabe todas as respostas, vem a vida e muda todas as perguntas”.

Luís Fernando Veríssimo

Caro(a) leitor(a), pretendemos, neste terceiro capítulo, abordar um pouco mais sobre quais as reais contribuições/ações do profissional psicopedagogo e sua relação com o processo de ensino e aprendizagem. A intenção dessa discussão surge da necessidade de buscar alternativas para prevenir e amenizar, ou, quem sabe, extinguir (caso seja possível) a “sombra” do fracasso escolar.

A importância desse enfoque é apontar caminhos e direcionamentos que condicionem mais harmonicamente as intervenções psicopedagógicas. A partir dessa ação, busca-se um olhar mais amplo e inclusivo, considerando sempre as possibilidades e oportunidades, e não o oposto deste pensamento.

A cada interpretação psicopedagógica, um novo olhar se faz necessário. Não há um modelo padrão de intervenção psicopedagógica engessada. O que deu certo em algum momento, pode não dar conta noutra realidade. A solução de um determinado problema está na raiz deste e não em sua aparência artificial. Essa leitura é bem mais complexa e instigante. Cada caso é “um” caso. Cada forma de “perguntar” muda toda a resposta. Por isso, pesquise o “novo”, busque respostas apropriadas e não padronizadas. Recorra aos estudiosos que iluminarão suas respostas. Não se contente com possibilidades evasivas.

Para ilustrar esse pensamento, nada melhor que Freire (1996, p. 32):

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Que as belas e significativas palavras de Paulo Freire possam realmente inspirar na busca contínua por mais conhecimentos. Bons estudos!

APRENDIZAGEM COMO FOCO NORTEADOR DO PROFISSIONAL PSICOPEDAGOGO

Segundo Scoz (1998, p. 2) “a psicopedagogia estuda o processo de aprendizagem e suas dificuldades, e numa ação profissional deve englobar vários campos do conhecimento, integrando-os e sintetizando-os”.

Paulo Freire (1996) incentiva à reflexão dizendo que a curiosidade ingênua, de que resulta indiscutivelmente um certo saber, não importa que metodicamente sem rigor, é que caracteriza o senso comum. O saber de pura experiência feito.

Portanto, para dar continuidade aos estudos, é necessário rever de alguns autores, e analisar de outros, conceitos a respeito da aprendizagem humana. Segundo Scoz (1998, p. 2) “a psicopedagogia estuda o processo de aprendizagem e suas dificuldades, e numa ação profissional deve englobar vários campos do conhecimento, integrando-os e sintetizando-os”. Scoz (1998, p. 82) ainda diz que: “a origem de toda a aprendizagem está nos esquemas de ação que o indivíduo desenvolve e que dependem, por sua vez, da integridade orgânica e corporal”.

Do ponto de vista de Weiss (1994, p. 6), “a psicopedagogia busca a melhoria das relações com a aprendizagem, assim como a melhor qualidade na construção da própria aprendizagem de alunos e educadores”.

Para Visca (1987, p. 7), “a psicopedagogia nasceu como uma ocupação empírica pela necessidade de atender crianças com dificuldades de aprendizagem, cujas causas eram estudadas pela medicina e psicologia”. O mesmo autor acrescenta, ainda, que “com o decorrer do tempo, o que inicialmente foi uma ação subsidiária destas disciplinas, foi se perfilando como um conhecimento independente e complementar”. Também ressalta, com relação ao processo de ensino aprendizagem, que a psicopedagogia é possuidora de “recursos diagnósticos, corretores e preventivos próprios”.



Para Bossa (1994, p. 8), o objeto central de estudo da Psicopedagogia “está se estruturando em torno do processo de aprendizagem humana: seus padrões evolutivos normais e patológicos - bem como a influência do meio (família, escola, sociedade) no seu desenvolvimento”.

Nesse pressuposto devemos considerar, conforme Fernandez (1990), que a origem do problema da aprendizagem não se encontra na estrutura individual, pois o sintoma se ancora em uma rede particular de vínculos familiares os quais se entrecruzam com uma também particular estrutura individual. A criança suporta a dificuldade, porém necessária e dialeticamente, os outros dão o sentido.

Para Freire (1986, p. 29), “não há saber mais ou saber menos, há saberes diferentes”. Diante dessa análise, é preciso humildade, como alguém que anuncia seu saber e suas descobertas relativas. Jamais adotar uma posição de ser “superior”, de quem ensina a um desprovido de conhecimento, o qual no senso comum costuma ser chamado rotineiramente de “ignorante”, pois, isso, é psicopedagogicamente inadmissível!

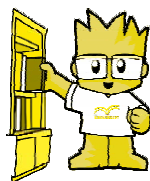
O saber se faz por meio de uma superação constante. O saber superado já não é uma ignorância. Todo saber humano tem em si o testemunho do novo saber que já anuncia. Todo saber traz consigo sua própria superação, portanto, não há saber nem ignorância absoluta, mas somente uma relativização do saber ou da ignorância. Lembre-se que ao interpretar e compreender dessa forma, os julgamentos serão muito mais coerentes e sensatos (FREIRE, 1986).

Segundo Freire (2014, p. 112):

A auto-suficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não têm humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronúncia do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais.

Sabendo que a comunhão aproxima com segurança o “saber compartilhado”, é possível seguir com mais confiança nos nossos estudos, não é mesmo?

Pois bem! No sentido de compreender a Psicopedagogia além do olhar inicial, ou seja, da singela junção dos conhecimentos advindos da Psicologia e da Pedagogia, Beauclair (2006, p. 28-29) esclarece que é “uma área do conhecimento que se propõe a interagir, de modo coerente, conhecimentos e princípios de diferentes ciências humanas, com a meta de adquirir uma ampla compreensão sobre os variados processos inerentes ao aprender humano”.



Para um maior aprofundamento sobre o assunto, sugere-se a leitura das seguintes obras: a) PAÍN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes médicas, 1985; b) PAÍN, Sara. **A Função da ignorância**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

Bossa (1994, p. 8) ressalta que “a psicopedagogia estuda o ato de aprender e ensinar, levando sempre em conta as realidades interna e externa da aprendizagem, tomadas em conjunto”. Para o autor, compreender melhor a construção complexa do conhecimento é “colocar em pé de igualdade os aspectos cognitivos, afetivos e sociais que estão implícitos”.

Com base na informação anterior, é possível dizer que a ação psicope-dagógica deve estar sempre pautada em alguns cuidados primordiais. Um deles é compreender e interpretar de maneira segura o que cada sujeito traz consigo, implicitamente, sua bagagem cognitiva, afetiva e social.

Compreender e interpretar de maneira segura o que cada sujeito traz consigo, implicitamente, sua bagagem cognitiva, afetiva e social.

Para obter bons resultados na aprendizagem, é imprescindível que, primeiramente, o aprendente, ou seja, o estudante, consiga de maneira segura reconhecer e decodificar; conhecer as regras lógicas e de convivência; ter condição emocional e neurológica saudável; atribuir e anunciar algum significado ao objeto de aprendizagem; unir esta representação ao seu sentido e condição psicomotora, entre tantos outros. Com esses movimentos investigativos, torna-se menos complicado identificar aquilo que possa estar “travando” a condição subjetiva do ser humano em seu processo de aquisição de novos conhecimentos.

A cada dia escrevemos uma nova afirmação referente aos nossos desejos de obter sucesso, pois somos nós mesmos os escultores da nossa própria história de vida. Nesse sentido, é importante lembrar as lições de Morin (2000, p. 59–60). Veja:

Somos seres infantis, neuróticos, delirantes e também racionais. Tudo isso constitui o estofamento propriamente humano. O ser humano é um ser racional e irracional, capaz de medida e desmedida, sujeito de afetividade intensa e instável. [...] ansioso, angustiado, gozador, ébrio, extático; é um ser de violência e de ternura, de amor e de ódio [...] nutre-se de conhecimentos comprovados, mas também de ilusão e de quimeras. E, quando na ruptura de controles racionais, culturais, materiais, há confusão entre o objetivo e o subjetivo, entre o real e o imaginário, quando há hegemonia de ilusões, excesso desencadeado, então o *homo demens* submete o *homo sapiens* e subordina a inteligência racional a serviço de seus monstros.

Para aprofundar seus estudos, sugere-se a leitura da seguinte obra: MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez, 2000.



Uma versão digital da citada obra pode ser encontrada no seguinte endereço eletrônico: <<http://goo.gl/wc6psV>>.

Todo ser humano que se preze busca sentido em sua vida e atribui sentidos em toda sua atividade humana existencial. Isso é especialmente humano, pois essa vontade de significar deixa o indivíduo mais atento, reflexivo, dinâmico e alerta, muito mais propenso a se equilibrar na corda bamba da vida, não é mesmo?

*Todo ser humano
que se preze busca
sentido em sua vida
e atribui sentidos em
toda sua atividade
humana existencial.*

Com base nesse movimento reflexivo, compartilhamos com você, pós-graduando(a), um texto que é quase poético. Ele foi extraído do livro intitulado **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**, organizado por Maria Clotilde Rossetti-Ferreira, Kátia de Souza Amorim, Ana Paula Soares da Silva e Ana Maria Almeida carvalho. Vamos à leitura?

As crianças nascem em um mundo repleto, prenhe de significações.

E começam a viver e a fazer sentido das práticas de cada um...

Vivem os cuidados, os carinhos, os afetos, as distâncias, as ausências, as contingências, as contradições que vão se impondo.

Vão sentindo e sofrendo, de diversas formas, as múltiplas relações com os outros e com o mundo.

E vão sendo afetadas por essas relações.



Em maior ou menor grau, experienciam, hoje, a intensidade, a premência, a rapidez, a abundância, a simultaneidade das mais variadas informações, mensagens, apelos e linguagens.

Acolhem, reagem ou resistem, de maneiras diferenciadas, às demandas e aos impactos dessas mensagens e linguagens.

Imersas que estão na trama dessas relações, participam, inescapavelmente, das significações que se produzem.

Fonte: ROSSETTI-FERREIRA, M. C. et al. (Org.). **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 35. v. 1.



Atividade de Estudo:

- 1) Reflita sobre a seguinte frase: “E vão sendo afetadas por essas relações”. Agora, transcreva abaixo qual sentimento foi extraído da essência dessa frase, reconhecendo que ela se baseia nas relações que estabelecemos com os outros, bem como com o mundo a nossa volta.

Agora, para seguir nos estudos, que tal compreender as concepções educacionais e as teorias de desenvolvimento e aprendizagem humana? Então, vamos lá!

AS CONCEPÇÕES EDUCACIONAIS E AS TEORIAS DE DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM HUMANA

“Educar não é apenas ensinar, mas criar situações de aprendizagem nas quais os aprendentes possam despertar [...]”.

Hugo Assmann

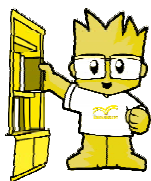
É preciso entender que a escola é um espaço privilegiado para a aprendizagem e o desenvolvimento humano. É composta de recursos humanamente humanos, não é mesmo? Sendo assim, a forma pragmática da atuação docente precisa ser constantemente revista e analisada.

Chraim (2009, p. 65) diz que “é preciso incluir no sistema de ensino estruturas físicas e humanas eficientes para avaliar uma criança em seu contexto, seja ele físico, emocional ou intelectual”. O citado autor segue dizendo que “no âmbito humano há urgência de serviços de orientação pedagógica e psicopedagógica eficientes”.

Com relação à inclusão, Chraim (2009, p. 63) observa que “é humanamente impossível falar de educação sem que se tenha dedicado um tempo à inclusão, pois ao educar estaremos diante das semelhanças e das diferenças de cada indivíduo”. Todas as crianças apresentam semelhanças, pois são humanas e trazem na alma o dom da adaptação (CHRAIM, 2009). Nesse sentido, para melhor integrar cada criança ao seu meio acadêmico e, consequentemente, ao meio social, é importante distinguir as diferenças que existem em cada uma delas. Para Chraim (2009, p. 64) “algumas diferenças são percebidas a olhos nus, outras não. Essas diferenças são capazes de gerar conflitos e camuflar o entendimento das potencialidades de cada criança por toda uma vida, caso não sejam assistidas”.

Chraim (2009, p. 65) diz que “é preciso incluir no sistema de ensino estruturas físicas e humanas eficientes para avaliar uma criança em seu contexto, seja ele físico, emocional ou intelectual”.

Para Chraim (2009, p. 64) “algumas diferenças são percebidas a olhos nus, outras não. Essas diferenças são capazes de gerar conflitos e camuflar o entendimento das potencialidades de cada criança por toda uma vida, caso não sejam assistidas”.



Sobre o assunto em debate, leia a seguinte obra: BOSSA, Nádya Aparecida. **Fracasso escolar**: um olhar psicopedagógico. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Com base nos pensamentos de Levi Semenovitch Vygotsky (1896-1934), o ser humano deve ser estudado na unidade, na sua totalidade e considerado multideterminado. Oliveira (1997) entende que o homem deve ser analisado como corpo e mente, na condição de ser biológico e social, membro da espécie humana e participante de um processo histórico.

A teoria de Vygotsky (1996), diferentemente das outras concepções, compreende que a relação entre o processo de desenvolvimento humano e a aprendizagem estão relacionados desde o nascimento da criança. Sendo assim, os processos não são previsíveis, nem tão pouco universais ou lineares, sendo construídos no contexto, na interação com a aprendizagem.

Ainda em Vygotsky (1996), a aprendizagem promove o desenvolvimento atuando sobre a zona de desenvolvimento proximal (ZDP), que é a distância entre o nível evolutivo real, determinado pela resolução independente do problema, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado por meio da solução de problemas, com auxílio, orientação ou colaboração de colegas mais capazes ou um adulto.

Nesse sentido, o sujeito transforma o desenvolvimento potencial em um desenvolvimento real. Um exemplo disso seria proporcionar uma mediação de conhecimento por meio da interação de uma criança mais adulta, mais experiente, com outra criança que ainda não teve a oportunidade de desenvolver tais atividades. Dessa forma, ao demonstrar como se realiza a ação, antecipa-se o desenvolvimento da outra criança (VYGOTSKY, 1996).



Para ampliar seus estudos acerca do tema, acesse o sítio eletrônico indicado e faça a leitura do artigo científico intitulado “Concepções de desenvolvimento e de aprendizagem no trabalho do professor”, escrito por Aline Frollini Lunardelli Lara, Elenita de Rício Tanamachi e Jair Lopes Junior. Veja: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n3/v11n3a02>>

Nos estudos de Oliveira (1997, p. 33) a respeito da teoria de Vygotsky, encontramos que “o processo de mediação, por meio de instrumentos e signos, é fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, distinguindo o homem dos outros animais”. Compreende que “a ideia de atividade envolve a noção de que o homem orienta-se por objetos, agindo de forma intencional, por meio de ações planejadas” (OLIVEIRA, 1997, p. 96).

Com base nessa perspectiva, podemos, então, compreender que é por meio das relações homem/mundo ao longo da vida que constituímos, reproduzimos, ressignificamos e construímos a sociedade que nos cerca. Por essa razão, devemos ficar atentos aos exemplos de atividades que compartilhamos.

Para aprofundar os estudos, faça a leitura da seguinte obra:

CHRAIM, Albertina de Mattos. **Família e escola: a arte de aprender para ensinar**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2009.



É uma obra pequena, com poucas páginas, porém muito dialógica. Vale a pena conferir!

Dando continuidade, também é importante mencionar, embora de maneira mais singela, a contribuição de Sigmund Freud (1856 – 1939) para o desenvolvimento humano. Ele afirma que é da natureza humana sofrer processos conflitivos (segundo sua visão psicanalítica que antevê o desenvolvimento emocional como condição para o desenvolvimento de outros potenciais humanos). Nessa concepção, as experiências vividas inconscientemente moldam nossa personalidade.

Freud (1969) acredita que devemos encarar o fato de possuir pulsões (desejos) sexuais (produtivas) e agressivos (destrutivos).

Para Freud (1969) as fases do desenvolvimento humano são:

- a) Fase oral (desde o nascimento até o final do primeiro ano de idade). Nessa fase, a característica mais presente se concentra no instinto sexual pela estimulação da região da boca, no ato de sugar, mastigar e morder, em que o bebê representa os sentimentos de prazer e satisfação;

- b) Fase anal (desde o primeiro ano até os três anos de idade). É nessa fase que a criança estabelece inicialmente a maturação neurológica da região pélvica, conseguindo perceber o enchimento da bexiga e do intestino. Com isso, sentem que urinar e defecar causa certa satisfação e prazer. Dessa maneira, ao adquirir o controle esfinteriano, também promove seu autocontrole em outras esferas;
- c) Fase fálica (desde os três anos até os seis anos de idade). A característica mais presente nessa fase é a descoberta do corpo, principalmente dos órgãos genitais, bem como as sensações que costumam estar presentes no ato de manipulá-los;
- d) Latência (desde os seis anos até os onze anos de idade). Para Freud (1969), essa não é bem uma fase, pois as pulsões sexuais são organizadas diferente das fases anteriores, sendo deslocadas para atividades sociais. Nesse período, é considerável estabelecer, de maneira segura, quais são as normas sociais de convivência para as crianças, pois seu desenvolvimento psicológico é contínuo e se amplia conforme as habilidades adquiridas;
- e) Fase genital (a partir dos doze anos de idade). Essa é a fase dos conflitos de identificação sexual. É a fase da puberdade. É nesse período que se marca a passagem para a vida adulta, para o amadurecimento relacional.



Para conhecer mais sobre a teoria psicanalítica de Sigmund Freud, acesse o sítio eletrônico indicado e faça a leitura do artigo científico intitulado “As teorias sexuais infantis na atualidade: algumas reflexões”, escrito por Silvia Maria Abu-Jamra Zornig. Veja: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n1/v13n1a08.pdf>>

Wallon (1981), baseado na teoria do materialismo-dialético, ensina que o desenvolvimento humano é composto por cinco estágios. Veja:

- a) Impulsivo-emocional (desde o nascimento até o primeiro ano de idade). Nessa fase as emoções contagiam e costumam visar à exploração do corpo e das sensibilidades externas e internas. Movimentos que garantem a aproximação do outro no sentido de satisfazer suas

eventuais necessidades costumam ser selecionados pela criança como instrumentos de bem-estar ou mal-estar;

- b) Sensório-motor e projetivo (desde um ano até os três anos de idade). Concentra-se na exploração do espaço-físico, auxiliado pela fala que acompanha os gestos;
- c) Personalismo (desde os três anos até os seis anos de idade). Dá início à exploração de si mesmo em oposição ao outro, ou seja, entre o “eu” e o “outro”;
- d) Categorical (desde os seis anos até os onze anos de idade). Nesse estágio, estando clara a diferença entre o “eu” e o “outro”, é mais confortável para a criança, em muitos níveis de abstração, explorar o mundo físico em atividades de agrupamento, seriação, classificação e categorização;
- e) Puberdade e adolescência (a partir dos onze anos de idade). Por meio de confrontos, acontece a exploração de si mesmo.

Para regular o funcionamento dessas fases ou estágios, Wallon (1981) legitimou quatro leis. Primeira, a lei da predominância funcional, que se baseia no predomínio das dimensões afetivas ou cognitivas em cada estágio apresentado. Segunda, a lei da alternância funcional, baseia-se no predomínio das dimensões afetiva, cognitiva e motora, que se alternam ao longo de cada estágio. A terceira lei é da integração funcional, que avalia a integração entre os estágios do desenvolvimento humano. A quarta, a lei da tendência do sincretismo à diferenciação, a qual confere inicialmente que, de forma gradativa, movimentos, afetos e ideais, tornar-se-ão bem mais objetivados, precisos e claros.

Conheça mais sobre a teoria do materialismo-dialético de Wallon, acessando o sítio eletrônico indicado e realizando a leitura do artigo científico intitulado “Afetividade e o processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon”, de autoria de Abigail Alvarenga Mahoney e Laurinda Ramalho de Almeida. Veja:<<http://goo.gl/4gCVIq>>



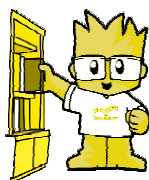
É interessante investigar detalhadamente cada teoria do desenvolvimento e aprendizagem, aprofundando os estudos para não se deixar corromper por teorias mal interpretadas, mas sim, por meio das fontes teóricas, buscar a melhor orientação como profissional mediador.

Caro(a) pós-graduando(a), diante das várias teorias referentes ao desenvolvimento humano apresentadas, cada membro educacional, embora conhecendo um pouco sobre cada uma delas, é, em sua atuação educacional, livre para escolher qual método deve adotar.

É interessante investigar detalhadamente cada teoria do desenvolvimento e aprendizagem, aprofundando os estudos para não se deixar corromper por teorias mal interpretadas, mas sim, por meio das fontes teóricas, buscar a melhor orientação como profissional mediador.

Lembre-se de que há diversas mediações em diferentes contextos educacionais, não é mesmo? Assim, avaliar a situação quando há conflito de relacionamento entre ensinante e aprendente é imprescindível e indispensável. O motivo é muito claro, pois a falta de comunicação adequada entre ensinante e aprendente prejudica/dificulta muito a organização da própria aprendizagem.

Diante dessa indagação, surge um importante alerta! Como é analisada a competência de cada membro da relação? Nesses casos, é importante considerar todo o sentimento ou ressentimento que o ensinante (professor) transfere e aplica no contexto escolar. Com esse cuidado, avalia-se qual a imagem que o profissional carrega na condição de mediador do conhecimento.



Para aprofundar os estudos, sugere-se a leitura da obra seguinte obra:

FERNANDEZ, Alicia. **Os idiomas do aprendente**: análise das modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação. Tradução de Neusa Kern Hickel e Regina Orgler Sordi. Porto Alegre: Artmed, 2001.

Pondere sobre a subjetividade desse sujeito! Reflita se a postura do professor é definida como submissa ou autoritária, permissiva ou dominadora. Pense: em qual perfil a personalidade subjetiva desse sujeito, que media determinados conhecimentos, costuma se encaixar?

Na atuação psicopedagógica não se deve esquecer que um bom educador envolve, cativa e cria laços com o aprendente (aluno). Já o ensinante, avesso a essa qualidade, pode causar frustrações, desânimos, insegurança e desinteresse no sujeito aprendente durante o processo de mediação da aprendizagem.

Mas, qual olhar está sendo utilizado nessa troca? Um olhar de segurança ou desconfiança? Quais valores estão sendo ponderados? Nunca esqueça que nessa troca de experiências os valores trazidos de casa são constantemente reeditados nos meios educacionais.

Nesse sentido, psicopedagogicamente pensando, a proposta mais assertiva é que haja, de modo preventivo, um equilíbrio estrutural do professor como figura geradora de exemplos que promovem a aprendizagem escolar. Essa suposta aprendizagem deve interferir diretamente na vida acadêmica, pessoal, profissional e social do sujeito.

Corroborando com o que foi dito, Vasconcellos (2002, p.14) afirma que “é uma síntese que o educador faz dos apelos da realidade, das expectativas sociais, de seus compromissos e objetivos, das condições concretas do trabalho”. O autor ainda aponta que a proposta da atuação do professor em sala está na maneira que este encontra para organizar e estruturar suas atividades rotineiras, como, por exemplo, quais metas pretende alcançar, quais abordagens e conteúdos serão propostos e discutidos, de que forma esses movimentos e instrumentos serão avaliados, entre outros. É nessa suposta organização que se encontra um excelente instrumento de autoformação, na medida em que favorece a reflexão crítica sobre a prática, o sair do piloto automático e a mera rotina (VASCONCELLOS, 2002).

A Psicologia colabora com o estudo da subjetividade, pois essa é a sua forma particular de contribuição para a compreensão da totalidade da vida humana, ou seja, em todas as suas expressões, as visíveis (nosso comportamento) e as invisíveis (nossos sentimentos), as singulares (porque somos o que somos) e as genéricas (porque somos todos assim). Nesse sentido, destacam-se o homem-corpo, homem-pensamento, homem-afeto, homem-ação e tudo isso está sintetizado no termo subjetividade (BOCK et al., 1999).

Para Bock et al. (1999, p.23):

A subjetividade é uma síntese singular e individual que cada um de nós vai constituindo conforme vamos nos desenvolvendo e vivenciando as experiências da vida social e cultural; é uma síntese que nos identifica, de um lado, por ser única, e nos iguala, de outro lado, na medida em que os elementos

Na atuação psicopedagógica não se deve esquecer que um bom educador envolve, cativa e cria laços com o aprendente (aluno). Já o ensinante, avesso a essa qualidade, pode causar frustrações, desânimos, insegurança e desinteresse no sujeito aprendente durante o processo de mediação da aprendizagem.

que a constituem são experienciados no campo comum da objetividade social. Esta síntese – a subjetividade- é o mundo de ideias, significados e emoções construído internamente pelo sujeito a partir de suas relações sociais, de suas vivências e de sua contribuição biológica; é, também, fonte de suas manifestações afetivas e comportamentais.

A síntese que a subjetividade representa não é inata ao indivíduo, mas é construída aos poucos, apropriando-se do material do mundo social e cultural. É criando e transformando o mundo externo que o homem constrói e transforma a si próprio (BOCK et al., 1999).



Atividade de Estudo:

- 1) Caro(a) pós graduando(a), o que você compreende por subjetividade humana?

Agora, que tal descontrair um pouco e, caso seja possível, ouvir a música indicada? Mas, caso conheça a melodia, não se envergonhe de entoar cada verso com inspiração. Saiba que a música é muito apropriada em algumas terapias psicopedagógicas, principalmente quando se busca corrigir, ajustar ou equilibrar uma postura mais rígida e bastante introvertida. Um semblante apático e pouco interativo deve ser investigado com muito bom senso e comprometimento. Fica a dica!

Assim, leia os versos da música “É preciso saber viver”, dos compositores e cantores Roberto Carlos e Erasmo Carlos. Depois sugiro usar todos os recursos disponíveis para apreciar uma bela canção, como, por exemplo, ouvir, cantar, cantarolar, gesticular, bailar, representar, encantar-se e deixar-se levar por ela, através dela, ao encontro consigo mesmo. Então, vamos lá!



É Preciso Saber Viver
Quem espera que a vida
Seja feita de ilusão
Pode até ficar maluco
Ou morrer na solidão
É preciso ter cuidado
Para mais tarde não sofrer
É preciso saber viver

Toda pedra do caminho
Você deve retirar
Numa flor que tem espinhos
Você pode se arranhar
Se o bem e o mal existem
Você pode escolher
É preciso saber viver

É preciso saber viver!
É preciso saber viver!
É preciso saber viver!
Saber viver!

Toda pedra do caminho
Você deve retirar
Numa flor que tem espinhos
Você pode se arranhar
Se o bem e o mal existem
Você pode escolher
É preciso saber viver

É preciso saber viver!
É preciso saber viver!
É preciso saber viver!
Saber viver! Saber viver!

É preciso saber viver!
É preciso saber viver!
É preciso saber viver!
Saber viver! Saber viver!

Fonte: Disponível em: <www.letras.mus.br/roberto-carlos/101459/>. Acesso em: 29 fev. 2016.

A inspiração dessa bela canção deve estar pautada na ação psicopedagógica, porém numa compreensão muito bem estruturada e sensata, pois nem todo mundo sabe como fazer isso, ou seja, como viver bem. É possível uma pessoa conseguir vencer seus problemas de aprendizagens? Claro que é, não é mesmo? Ainda mais quando pode contar com uma escuta psicopedagógica transparente e adequada. É nesse sentido que esta intervenção precisa se encaixar perfeitamente na real necessidade do sujeito. Não invente milagres, muito menos crie falsas expectativas. Encare o possível, a serviço do impossível, e não o contrário.

A frase da letra dessa música que fala sobre as pedras no caminho é muito peculiar para os psicopedagogos, pois permite compreender que muito arranhão encontrado no “interior”, no mais profundo “âmago” dos atendidos, deu-se por tropeços que a vida causou. Assim, fica mais confortável tentar organizar a estrutura mental e psicológica do sujeito para que este alcance a aprendizagem com sucesso e menos resistência. Essa organização possibilitará uma escolha melhor na condição de sujeito, conseguindo significar a importância de criar bons laços com a aprendizagem de forma segura e equilibrada.

Muito arranhão encontrado no “interior”, no mais profundo “âmago” dos atendidos, deu-se por tropeços que a vida causou.

Baseando-nos nesse pensamento profundo, mas necessário, daremos continuidade aos estudos, apresentando, em seguida, a singularidade da instrumentalização psicopedagógica frente às teorias do desenvolvimento e aprendizagem. Mantenha-se focado nos estudos!

A SINGULARIDADE DA INSTRUMENTALIZAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA FRENTE ÀS TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM

Inicialmente, é importante salientar, segundo Scoz (1987, p. 18), que “a prática educativa, que pertence a práxis humana, é esclarecida e enriquecida por diferentes áreas do conhecimento. São claras as contribuições dadas pela filosofia, sociologia, psicologia, ciências médicas e pela psicolinguística”.

Scoz (1987, p. 19) aduz que a especificidade do trabalho do psicopedagogo reside nos seguintes pontos:

- 1 – Para o psicopedagogo o distúrbio de aprendizagem é considerado como manifestação de uma perturbação que envolve a totalidade da personalidade.

2 – Considera a evolução da criança dentro de uma perspectiva dinâmica. Assim, o sintoma distúrbio de aprendizagem não pode ser compreendido como entidade fixa. Acredita que o processo de desenvolvimento da criança foi inibido e que se for oferecida uma forma de relação melhor e diferente daquela a que estava acostumado, sua evolução retornará ao curso normal.

3 - O psicopedagogo sabe que sua atividade, que consiste em transmitir conhecimento, não é uma atividade neutra e indiferente para a criança e para ele. Por isso, enfatiza o papel da relação que estabelece entre ele e a criança, verdadeira relação transferencial e contratransferencial, necessária para o desenvolvimento da relação educativa.

4- A tarefa do psicopedagogo é levar a criança a reintegrar-se à vida escolar normal, segundo suas possibilidades e interesses.

Considerando o que foi apresentado até aqui, mensurar as possibilidades que cada sujeito possui em si mesmo é a base intransferível e inadiável em que o profissional psicopedagogo deverá, sem pressa, mas gradativamente, apoiar-se.

Para tanto, é necessário compreender melhor o que é uma instrumentalização psicopedagógica. Vamos lá!

É manter bons hábitos de leitura que promovam um saber direcionado para cada momento de ação e intervenção psicopedagógica, pois tais bagagens teóricas fortalecem o direcionamento das ações preventivas e terapêuticas.

O uso correto dos recursos teóricos relacionados aos mais variados temas que buscam compreender e contemplar a construção do processo de ensino e aprendizagem, bem como a ênfase às abordagens referentes à concepção e construção humana, sem sombra de dúvidas, contribuem para iluminar e instrumentalizar a ação psicopedagógica.

Obras literárias das áreas de Psicologia, Neurociência, Psicanálise, Psicolinguística, entre outras, são oportunas para o aperfeiçoamento profissional. Esses recursos são instrumentos indispensáveis para obter bons resultados ao longo da atuação psicopedagógica.

O importante é se reconhecer como um ser em formação e construção humana que não se limita, mas que corre atrás de respostas para seus questionamentos diários. Acredite!

Baseando-nos nessa discussão e na tentativa de ilustrar melhor o que foi estudado até aqui, que tal a leitura de um poema de Rubem Alves, extraído do livro “O amor que ascende a lua”? Esperamos que goste!

Figura 4: Rubem Alves



Fonte: Disponível em: <<http://goo.gl/2WbmcD>>. Acesso em: 24 fev. 2016.



A Pipoca

Milho de pipoca que não passa pelo fogo
continua a ser milho para sempre.

Assim acontece com a gente.

As grandes transformações acontecem
quando passamos pelo fogo.

Quem não passa pelo fogo, fica do mesmo jeito a vida inteira.
São pessoas de uma mesmice e de uma dureza assombrosas.

Só que elas não percebem e acham que
seu jeito de ser é o melhor.

Mas, de repente, vem o fogo.

O fogo é quando a vida nos lança numa
situação que nunca imaginamos: a dor.

Pode ser fogo de fora: perder um amor, um filho, o pai, a mãe,
o emprego ou ficar pobre.

Pode ser fogo de dentro: pânico, medo, depressão ou sofrimento,
cujas causas ignoramos.

Há sempre o recurso do remédio: apagar o fogo!

Sem fogo, o sofrimento diminui.

Com isso, a possibilidade da grande transformação, também.

Imagino que a pobre pipoca, dentro da panela
fechada, cada vez mais quente,

pense que chegou a sua hora: vai morrer.

Dentro de sua casca dura, fechada em si mesma, não pode imaginar
um destino diferente para si.

Não pode imaginar a transformação que
está sendo preparada para ela.
A pipoca não imagina aquilo do que é capaz.
Aí, sem aviso prévio, pelo poder do fogo, a
grande transformação acontece: bum!
E ela aparece como outra coisa completamente diferente,
algo que nunca havia sonhado.
Bom, mas ainda temos o piruá, que é o milho
de pipoca que se recusa a estourar.
São como aquelas pessoas que, por mais que
o fogo es quente, recusam-se a mudar.
A presunção e o medo são a casca dura do milho que não estoura.
No entanto, o destino delas é triste, já que
ficarão duras a vida inteira.
Não vão se transformar na flor branca, macia e nutritiva.
Não vão dar alegria a ninguém.

Fonte: ALVES, Rubem. **O amor que acende a lua.**
Capinas, Papyrus, 1999. p. 38.

Reflexivo texto, não é mesmo? Muito oportuno para essa abordagem, por qual motivo? Encare o milho de pipoca como o sujeito que se encontra estático num problema de aprendizagem. Imagine nesse contexto um psicopedagogo, inspirando-o a passar pelo fogo. Desafiando-o a buscar um caminho nunca antes percorrido, nunca antes oferecido, talvez. Mas, mesmo desconhecido, é um caminho que “esquenta” sua sempre “morna” rotina acadêmica. Chame essa tentativa profissional de tentar “provocar” certa transformação, de ousada, insensata, ou de corajosa, ou o nome que quiser adotar, pouco importa. Sabe o motivo?

O que realmente importa é seu retorno ou recomeço. O que deve prevalecer é a possibilidade de apertarmos os laços da aprendizagem que foram, de alguma maneira, afrouxados. Ou quem sabe, talvez, nunca antes experimentados entrelaçar. Ao mantermos os laços seguros e firmes, nunca mais irão se desamarrar ou se desprender. Tal resultado é extremamente gratificante; a atitude é compensadora, reconfortante e instigante. O conjunto desses sentimentos nos fazem perceber que, definitiva ou reveladoramente, essa é uma ação surpreendentemente “humana”!

Entenda que a expressão “fogo” é quando de alguma forma a vida lança um momento “novo”. Sabe-se que o “novo” sempre assusta um pouco, não é mesmo? Nem sempre é possível contar com os recursos apropriados

*O que deve
prevalecer é a
possibilidade de
apertarmos os laços
da aprendizagem
que foram, de
alguma maneira,
afrouxados. Ou
quem sabe, talvez,
nunca antes
experimentados
entrelaçar.*

que transmitem mais segurança. Porém, ao nos atrevermos, ao menos tentamos, saímos da zona de conforto, concedemos a nós mesmos a chance de mudança e de transformação, que são essências para o equilíbrio emocional humano!

Aceite a condição de que no final de cada caminhada o que realmente importa é a transformação. Saiba que sempre há uma escolha. Permanecer com a grossa camada de casca dura ou romper esta barreira e deslumbrar a mais bela e branca flor encontrada no interior cabe somente ao indivíduo. Para decidir qual rumo tomar, basta acreditar com convicção e responsabilidade!

É preciso também avaliar a importância de cada ação humana, psicopedagogicamente pensando. Só é possível descobrir a força da atuação ao se deparar com problemas nunca antes resolvidos e, que por enquanto, precisam ser revistos, reavaliados, reestruturados e enxergados como uma “queixa” que possivelmente é mediada e intermediada na busca da almejada solução.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Caro (a) pós-graduando(a), esperamos que a leitura do presente capítulo sirva de instrumento inspirador na busca de sua autoimagem como futuro psicopedagogo. Reconheça que por meio das escolhas diárias, você abraça elementos importantíssimos para a construção profissional. Durante o percurso talvez encontre algumas pedras no caminho ou, até mesmo, alguns espinhos finos e pontudos. Mas não desanime! Busque inspiração no “milho de pipoca”, que é colocado no fogo para se transformar!

No próximo e último capítulo, a discussão será em torno dos princípios éticos da Psicopedagogia, principalmente acerca das competências fundamentais que determinam uma postura ética psicopedagógica.

“Suba o primeiro degrau com fé. Você não tem que ver toda a escada. Você só precisa dar o primeiro passo”.

Martin Luther King Jr.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. **O amor que acende a lua**. Campinas: Papirus, 1999.

BEAUCLAIR, J. **Para entender a psicopedagogia: perspectivas atuais, desafios futuros**. Rio de Janeiro: Wak, 2006.

BOCK, A. M. B. et al. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva, 1999.

BOSSA, N. A. **A psicopedagogia no Brasil**: contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

CHRAIM, A. M. **Família e escola**: a arte de aprender para ensinar. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

FERNANDEZ, A. **A inteligência aprisionada**: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Tradução de Iara Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

_____. **Os idiomas do aprendente**: análise das modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação. Tradução de Neusa Kern Hickel e Regina Orgler Sordi. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 56. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Educação e mudança**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1997.

SCOZ, B. J. L. **Psicopedagogia**: o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

_____. **Psicopedagogia e realidade escolar**: o problema escolar e de aprendizagem. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

_____. **Psicopedagogia**: contextualização, formação e atualização profissional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

VASCONCELLOS, C. S. **Planejamento**: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico - elementos metodológicos para elaboração e realização. 11. ed. São Paulo: Liberdade, 2002.



VISCA, J. **Clínica psicopedagógica**: epistemologia convergente. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

_____. **Psicopedagogia**: novas contribuições. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

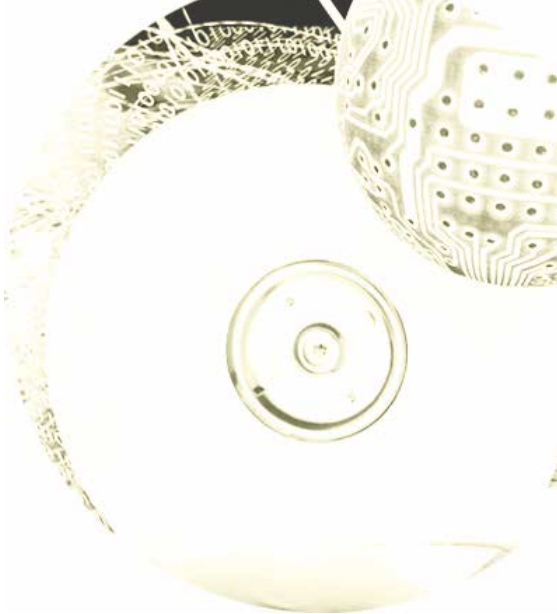
VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WALLON, Henri. **Psicologia e educação da infância**. Lisboa: Estampa, 1981.

WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia clínica**: uma visão diagnóstica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.





CAPÍTULO 4

PRINCÍPIOS ÉTICOS DA PSICOPEDAGOGIA

A partir da perspectiva do saber fazer, neste capítulo você terá os seguintes objetivos de aprendizagem:

- ✓ Conhecer as competências éticas fundamentais para o exercício da profissão psicopedagógica.
- ✓ Exercer com discernimento, comprometimento e responsabilidade, o papel que cabe ao profissional psicopedagogo.
- ✓ Compreender a importância de uma postura ética como profissional psicopedagogo educacional.
- ✓ Apontar as principais contribuições dos princípios éticos da psicopedagogia.



CONTEXTUALIZAÇÃO

Cada um de nós possui um estilo próprio de ser, conviver, fazer, compreender e aprender, ou seja, possuímos um ritmo de editar a própria história de vida; ela pode até mesmo ser reeditada por meio de nosso modo de viver e conviver. É através da inclinação pela constante busca dos nossos reais talentos, que possibilitem sermos bem mais capazes e, evidentemente, mais felizes, que pautamos nossas escolhas diárias. Com isso, todos nós, de uma forma ou de outra, ao longo de nossa trajetória de vida, relacionamo-nos de várias maneiras, com várias pessoas e em vários segmentos. Seja no âmbito pessoal, profissional ou social, ao longo desse percurso costumamos firmar parcerias, criamos vínculos de amizade, somar as conquistas, ou, de um modo mais sofrido, o contrário de tudo isso. Devemos considerar que todos esses movimentos são filtrados pela mais complexa teia humana, chamada de virtudes de valores morais e éticos.

É com base nesse enfoque que, no último capítulo da disciplina, você, caro(a) pós-graduando(a), vai estudar os princípios éticos da Psicopedagogia, bem como as competências éticas fundamentais para o exercício profissional psicopedagógico. Para concluir essa etapa de estudos, discutiremos também a necessidade de construir uma formação ética e moral nesse campo profissional que, até o momento, ainda se encontra em fase de estudos, aprimoramento e expansão.

Bons estudos!

PRINCÍPIOS ÉTICOS DA PSICOPEDAGOGIA

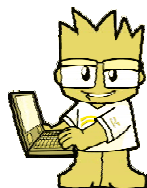
“A felicidade provém de causas virtuosas. Se a desejamos de fato, não há outra maneira de proceder a não ser através da virtude: ela é o método pelo qual se alcança a felicidade. E podemos acrescentar que a base da virtude, o solo onde estão suas raízes, é a disciplina ética”.

Dalai Lama

A epígrafe apresentada por Dalai Lama proporciona diversas reflexões, não é mesmo? Nesse sentido, compreendendo o fato de que a disciplina de ética é sem dúvida a base de toda virtude, bem como o solo onde todas as ações virtuosas se apoiam e se enraízam, vale a pena destacar que “o homem mais perfeito não é aquele que exerce sua virtude somente para si mesmo, mas aquele que a pratica também em relação aos outros e isso é uma obra difícil” (ARISTÓTELES, 1984 apud PEGORARO, 1995, p. 32).

*“O homem mais perfeito não é aquele que exerce sua virtude somente para si mesmo, mas aquele que a pratica também em relação aos outros e isso é uma obra difícil”
(ARISTÓTELES, 1984 apud PEGORARO, 1995, p. 32).*

Na busca por uma melhor compreensão sobre a postura ética do profissional psicopedagogo, que tal conhecer na íntegra o Código de Ética da Psicopedagogia, segundo a Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp)?



O Código de Ética da Psicopedagogia, reformulado pelo Conselho da Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp) e aprovado em assembleia geral no dia 05 de novembro de 2011, está disponível no seguinte endereço eletrônico: <<http://goo.gl/vNiJWa>>.

Caro(a) pós-graduando(a), espera-se que você tenha compreendido os conteúdos e as informações contempladas no referido Código de Ética do Psicopedagogia.

Lembre-se de que o citado documento poderá sofrer alterações, caso seja proposto pelo Conselho Nacional da Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp) algum reparo ou acréscimo de informação, tudo mediante aprovação em assembleia geral, organizada pela entidade responsável.

Agora, façamos nós, na ação psicopedagógica, sugestões que possam viabilizar o aprimoramento de cada tópico apresentado no Código de Ética da Psicopedagogia, sob os quais repousam a essência da ética nos princípios, na formação, no exercício das atividades psicopedagógicas, nas responsabilidades, nos instrumentos, nas publicações científicas, na publicidade profissional, nos honorários, na observância e cumprimento das regras e disposições gerais, que constam nesse documento de suma importância, para que haja de fato uma parametrização coerente do exercício profissional psicopedagógico.



Atividades de Estudos:

Para ampliar seu entendimento acerca dos novos conhecimentos adquiridos até o momento, sugerimos exercitar a mente por meio da atividade que segue.

Releia as informações apresentadas no Código de Ética da Psicopedagogia e, em seguida, complete as lacunas das frases

apresentadas sem recorrer ao texto, caso seja possível. Lembre-se de que as palavras ausentes são aquelas que darão sentido às frases selecionadas. No final desse treino, retorne ao texto original e confira seus acertos. Desejamos sucesso nesse exercício de atenção e memorização, mas caso haja dificuldade, não se preocupe, basta refazer o trajeto e tentar novamente. Esse treino é muito importante, pois aprimora a capacidade de guardar informações pontuais.

- 1) O Código de _____ tem o propósito de estabelecer parâmetros e orientar os _____ da psicopedagogia brasileira quanto aos princípios, normas e _____ ponderados à boa _____ profissional, estabelecendo diretrizes para o _____ da psicopedagogia e para os relacionamentos internos e _____ à ABPp – Associação Brasileira de Psicopedagogia.
- 2) A psicopedagogia é um campo de _____ em educação e saúde que se ocupa do processo de _____ considerando o sujeito, a família, a _____, a sociedade e o contexto sócio-histórico, utilizando procedimentos _____, fundamentados em diferentes referenciais teóricos.
- 3) A intervenção _____ é sempre da ordem do conhecimento, relacionada com a _____, considerando o caráter indissociável entre os processos de aprendizagem e as suas _____.
- 4) A psicopedagogia é de natureza inter e _____, utiliza métodos, instrumentos e recursos próprios para compreensão do _____ de aprendizagem, cabíveis na _____.

Estimados(as) alunos(as), diante dos pressupostos que regem o Código de Ética do Psicopedagogo, segundo o documento criado pela Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp), daremos sequência aos estudos, apresentando o que, de fato, compete ao psicopedagogo em sua ação e atuação como profissional que assume de forma competente uma postura disciplinar pautada em fundamentos éticos.

AS COMPETÊNCIAS ÉTICAS FUNDAMENTAIS PARA O EXERCÍCIO PROFISSIONAL DO PSICOPEDAGOGO

“Comprometer-se com atividades virtuosas é um pouco como criar uma criança pequena. No começo, precisamos ser prudentes e habilidosos em nossas tentativas para transformar nossos hábitos e temperamento. Também temos de ser realistas a respeito daquilo que esperamos conseguir”.

Dalai Lama

Quando há distração em virtude do não reconhecimento da necessidade de se comprometer com o que foi proposto, deixa-se rastros de ineficiência e de inconfiabilidade ao longo da carreira de sucesso profissional que se pretende conquistar no âmbito da Psicopedagogia.

Certamente não é tão simples se manter ético em tempo integral. Em muitas situações, ao nos depararmos com momentos de desconforto ou falta de entusiasmo, é comum negligenciarmos nossa própria capacidade de compreender o ocorrido e projetar uma ação profissional mais eficiente e conclusiva.

Em muitos casos, ao contrário disso, costumamos “fazer a coisa pela metade”. Isso não é bom, ou melhor, esse comportamento é, no mínimo, péssimo! Por qual motivo? É porque tiramos de nós mesmos a capacidade de sermos plenos em nossas atitudes e gestos profissionais.

Quando há distração em virtude do não reconhecimento da necessidade de se comprometer com o que foi proposto, deixa-se rastros de ineficiência e de inconfiabilidade ao longo da carreira de sucesso profissional que se pretende conquistar no âmbito da Psicopedagogia.

Tanto na ação profissional psicopedagógica como na área da educação, uma coisa é inegável, a formação subjetiva terá que ir ao encontro dos princípios e conceitos éticos e morais. Tais aspectos pessoais, dinamizam, mobilizam e transformam a práxis em uma perspectiva muito mais humanizadora.

Com relação à integração entre quem promove a aprendizagem e quem a recebe, é relevante destacar, segundo Chraim (2009, p. 34), que “a aprendizagem envolve emoções, ela é um processo que acontece de dentro para fora”. Nesse sentido, a autora ressalta que “nessa relação que se estabelece em um processo de ensino e aprendizagem, deve-se ter claro que quem ensina também precisa aprender”. (CHRAIM, 2009, p. 34).

Existem sempre casos de pessoas que não se entregam por completo ao exercício da ação profissional. Pessoas que poderiam dar de si bem mais, mas preferem, por acomodação, dar apenas aquilo que lhes convém e que é confortável. Essa é uma típica demonstração da falta de ética profissional, pois, provavelmente, omitimos o nosso melhor. É nos envolvendo na trama dos emaranhados fios que tecem nossas histórias, que conseguiremos compreender o que de fato nos leva ao entusiasmo profissional.

O que nos comove também nos move!

Se não nos encontramos dentro de uma determinada função, devemos reconhecer que há ausência de talento para aquele exercício profissional. De qualquer forma, cabe a nós mesmos a decisão de aprimoramento profissional, desistência, troca ou substituição do segmento de trabalho. Portanto, jamais duvide de seu empenho e apenas observe cuidadosamente se o seu “fazer” lhe dá algum “prazer”. Nunca se esqueça de que “o que nos comove também nos move!”

Refletir sobre tudo isso é garantir uma postura ética psicopedagogicamente correta. Quando compreendemos nossos limites, fica mais harmonioso compreender o limite do outro. Quando avaliamos a nossa própria condição humana de ser e de fazer, chegamos mais perto da compreensão de como o outro, a quem nos responsabilizamos auxiliar em seu processo de ensino e aprendizagem, é condicionado em seu ser e fazer intelectual.

Said (1998, p. 38) escreve sobre o significado das virtudes e lembra que o “entusiasmo é uma virtude que vive junto com a ação, o movimento. É o entusiasmo que faz a gente renovar a esperança, ter pique, energia, sem desanimar. Quando sentir muita alegria no coração, pode ter certeza, você está junto ao entusiasmo”.

Quando sentir muita alegria no coração, pode ter certeza, você está junto ao entusiasmo.

A fonte de uma virtude entusiasta brota justamente na interligação que costumamos fazer do nosso desejo pessoal com o sucesso profissional. Não dá para separar o sujeito “ser”, do sujeito “fazer”. Esses dois processos precisam correlacionar-se de maneira harmoniosa, e isso implica a própria felicidade, a alegria de viver plenamente. Ao demonstrarmos esse sentimento, contagiamos todos a nossa volta!

Diante dessa abordagem, seria imprudente esquecer que é através da formação saudável na infância que se cria o bom sujeito pessoal, social e profissional do futuro, não é mesmo? Harmonizar as experiências vividas nessa fase com a verdadeira essência do querer contemplar momentos sublimes na vida adulta, cabe a qualquer sujeito que lida direta ou indiretamente com áreas que se preocupam com a formação humana na sua totalidade.

Falando em harmonia (equilibrar os pensamentos e as ações), que tal conhecer os seus principais conceitos através do olhar especial da escritora Said (2002, p. 52), escritos de forma poética. Veja:

No universo inteiro a harmonia está onipresente.
Há harmonia no sistema solar, nas estrelas, nos corpos e nos elementos. Quando a harmonia se afasta, podem surgir conflitos, doenças e problemas.
Se você sáisse do planeta terra e pudesse observar o universo todo, veria que tudo está sustentado pela harmonia.
Você precisa da harmonia para todas as suas ações; necessita dela para escrever, para desenhar, para dançar, para praticar exercícios físicos, para dar cambalhotas.
Para fazer um trabalho da escola, você precisa da harmonia; para jogar futebol ou brincar com os amigos, precisa estabelecer harmonia entre a equipe.
Quando estamos em sala de aula, precisamos de harmonia, senão tudo vira uma grande confusão e ninguém entende ninguém.
Se desenhamos ou pintamos um quadro, precisamos de harmonia para equilibrar as linhas e cores.
A harmonia aparece em sua vida quando você começa a sentir que é responsável pelo meio em que está.
Quem reconhece sua função útil, quem reconhece a parte que lhe cabe como um elemento para ajudar na construção de um mundo melhor, já está em harmonia.
Todos podem sentir harmonia.
Basta querer e estar disposto a trabalhar por valores eternos.
É questão de você seguir uma nova consciência, um novo jeito de ser e pensar, cumprir as virtudes.
Você estará se harmonizando em relação aos seus pais, professores, amigos, colegas, animais, plantas.

Nesse modo de avaliar harmonicamente as ações em busca de felicitar o dia a dia, devemos considerar as contribuições trazidas por Amorim Neto e Rosito (2009, p. 33-34) quando descrevem que “[...] a ética, como pergunta sobre a vida com felicidade, implica um valor subjetivo a ela atribuído e que supõe um sentido existencial para o sujeito expandir-se, transcender-se”.

Os valores éticos e morais em um cenário mundial são de suma importância, pois, frequentemente, os valores materiais costumam ser privilegiados. É nesse pressuposto que nós todos, pertencentes à raça humana, carecemos de aprendizagens para assimilar o mundo, ou seja, “[...] precisamos compreender a diversidade dos seres humanos, com quem nos relacionamos, e nos conduzir nessa relação de modo construtivo” (AMORIM NETO; ROSITO, 2009, p. 14).

A consistência entre juízo e conduta moral depende tanto de elementos pessoais quanto da atmosfera moral, a qual se expressa pelas normas e expectativas coletivas e pelo sentido de solidariedade, coesão e pertencimento a um grupo (AMORIM NETO; ROSITO, 2009).

Moral e ética são complementares no sentido de que somente merece o nome de ética um projeto de vida que inclua a dimensão moral, portanto, o respeito pela dignidade alheia e pela justiça. É nesse sentido que a consistência entre juízo e conduta moral depende tanto de elementos pessoais quanto da atmosfera moral, a qual se expressa pelas normas e expectativas coletivas e pelo sentido de solidariedade, coesão e pertencimento a um grupo (AMORIN NETO; ROSITO, 2009).

Falando sobre respeito, as autoras Queiroz e Ribeiro (2002, p. 97) acrescentam que:

Respeito é ação ou efeito de respeitar ou respeitar-se. Respeito é o sentimento que leva alguém a tratar os outros ou alguma coisa com grande atenção, ter em consideração, não causar dano a si mesmo e aos outros. Não devemos nos deixar levar pelas aparências, muito menos julgar alguém superficialmente. Preconceito, discriminação, exclusão são amostras vivas de falta de respeito entre as pessoas; devemos evitar cultivá-los em nossos corações.

Dito isso, é preciso citar o sentimento de altruísmo, pois, para Said (2002, p. 58), significa dizer que “se qualquer um de nós quiser crescer de verdade precisa trazer o altruísmo para perto. Ele desprende as pessoas da existência mesquinha e pequena”. Ao reconhecer que altruísmo é ausência de egoísmo, significa dizer que desejamos apenas o bem dos outros, nunca o contrário. A prática dessa virtude deve sempre ser posta em primeiro lugar nas diversas relações no âmbito psicopedagógico.

É com base nesse pressuposto que a autora diz: “o altruísmo remove todas as teias de aranha e poeira que podem tirar nosso brilho. Quem pratica o altruísmo, a ajuda, livra-se da ignorância” (SAID, 2002, p. 58). Completa alertando que essa prática de boa ação garante o bem-estar, pois nos livra de certas tristezas ou situações depressivas. Para concluir afirma que: “[...] você verá que todo o desânimo desaparece quando a gente se compromete a ajudar os outros de maneira desinteressada. É o altruísmo fazendo a sua parte” (SAID, 2002, p. 58).

Então, caro(a) pós-graduando(a), para melhor compreender a discussão travada até aqui, vale a pena realizar as seguintes ponderações:

Precisamos mostrar às crianças que suas ações têm uma dimensão universal. E precisamos encontrar uma forma de estimular seus sentimentos naturais de empatia para que venham a ter uma noção de responsabilidade em relação aos outros. Pois é isso que motiva a agir. Se tivéssemos de escolher entre o conhecimento e virtude, a última seria sem dúvida a melhor escolha, pois é mais valiosa. O bom coração que é fruto da virtude é por si só um grande benefício para a humanidade. O mero conhecimento não (DALAI LAMA, 2000, p.197).

Ao imaginarmos que iremos ficar velhos nas mãos das crianças, que, de alguma forma, mediamos ensinamentos e que, em inúmeros casos, nossa conduta ética servirá de exemplo para estas, um questionamento é inegável: quais tipos de “bagagens” tais sujeitos adquiriram ou construíram por meio de nossas mediações e conseqüentemente levarão para a sua futura vida adulta? Para a sua construção como cidadão perante a sociedade?

Ao mirarmos para as crianças de hoje, veremos os adultos de amanhã.

Ao mirarmos para as crianças de hoje, veremos os adultos de amanhã. Ao analisarmos os adultos de amanhã, analisamos nossas atitudes e contribuições como membros sociais que somos. Jamais devemos apontar culpados ou achar que “tudo” está perdido e que a “educação” em seu contexto geral está fracassada.

Ao invés desse sentimento, devemos nos agrupar, criar parcerias, pensar em soluções, aceitar e respeitar os diferentes pontos de vista, as diferentes estratégias, as diferentes linhas teóricas, os diferentes “modelos” de educação. Os sentimentos de culpa nos paralisam, os de mudança nos fortalecem e nos encorajam a pensar grande, a pensar em soluções e a pensar em quais resultados estamos buscando. Quais resultados nós desejamos e qual o perfil do sujeito que pretendemos ter na nossa velhice, sabendo que a criança de hoje é o adulto de amanhã?

Bossa (1994, p. 3) alerta, dizendo que “o compromisso do psicopedagogo é com a transformação da nossa realidade escolar, e só através desse exercício reflexivo superaremos os obstáculos que ele nos impõe”. Não é mais permitido ignorar a importância de incorporar valores éticos parametrizados na ação e atuação psicopedagógica.

Sobre o que de fato compete ao exercício profissional do psicopedagogo, indiferente do âmbito escolar, uma importante conotação precisa ser lembrada a todos os membros escolares que fazem parte daquele contexto. Veja:

Os professores deverão proporcionar coerência entre os valores proclamados pela escola e o modo como conduzem o processo educativo em sala de aula, no sentido de que os alunos possam perceber que valores como justiça e respeito não são teorias ou simples ‘valores proclamados’, mas de fato são parâmetros para as relações estabelecidas dentro e fora da sala de aula. A incoerência nesse setor levaria ao descrédito as discussões sobre ética e moral. (AMORIM NETO; ROSITO, 2009, p. 77).

Nesse pressuposto, os autores acrescentam que oferecer novas oportunidades de desenvolvimento é também tarefa do professor, “[...] quer seja pela salvaguarda dos princípios da democracia, justiça, respeito, quer seja pelo modo como vivencia tais princípios em sala de aula” (AMORIM NETO; ROSITO, 2009, p. 82).

Ao amparar tais princípios, os professores oportunizam aos seus alunos criarem bons hábitos de condutas, sob os quais imperam relações de boa convivência.

Bons professores falam com a voz, professores fascinantes falam com os olhos. Bons professores são didáticos, professores fascinantes vão além. Possuem sensibilidade para falar ao coração dos seus alunos, apesar das suas dificuldades, são insubstituíveis, porque a gentileza, a solidariedade, a tolerância, a inclusão, os sentimentos altruístas, enfim, todas as áreas da sensibilidade não podem ser ensinadas por máquinas, e sim por seres humanos (CURY, 2003, p. 64-65).

Bons professores falam com a voz, professores fascinantes falam com os olhos.

Atividade de Estudos:



Caro(a) aluno(a), daremos agora uma pequena pausa em nossos estudos para refletir um pouco mais sobre alguns tópicos apresentados. Para tanto, que tal testar seus conhecimentos acerca dos temas abordados?

- 1) Assim, assinale V para verdadeiro ou F para falso nas afirmações que seguem:
 - a) () Jamais devemos apontar culpados ou achar que tudo está perdido e que a educação em seu contexto geral está fracassada.
 - b) () Nossa formação subjetiva jamais deverá ir ao encontro dos princípios e conceitos éticos e morais.
 - c) () O sentimento de culpa paralisa, o sentimento de mudança fortalece e encoraja a pensar grande, a pensar em soluções e a pensar em quais resultados estamos buscando.
 - d) () O que comove também paralisa.

Caro(a) pós-graduando(a), quando promovemos harmonia na nossa rotina diária de vida, tudo fica mais leve, com menos peso na consciência. Ao nos prevenirmos de prováveis desconfortos, livramo-nos de vários atributos negativos. Tudo isso é surpreendentemente favorável à imagem profissional ética que almejamos construir ao longo de nossa caminhada psicopedagógica.

É preciso atentar para o fato de que a necessidade de construir uma formação ética e moral no campo profissional da Psicopedagogia é uma conotação de extrema importância e que necessita ser compreendida. Portanto, vamos dar sequência aos estudos e conhecer um pouco mais sobre este grande tema? Vamos lá!

A NECESSIDADE DE CONSTRUIR UMA FORMAÇÃO ÉTICA E MORAL NO CAMPO PROFISSIONAL DA PSICOPEDAGOGIA

“Viver uma verdadeira ética, em que colocamos em primeiro lugar as necessidades dos outros e cuidamos de sua felicidade, é algo que tem extraordinárias implicações para a nossa sociedade. Se mudarmos internamente, desarmando-nos ao lidar de maneira construtiva com nossos pensamentos e emoções negativas, podemos literalmente transformar o mundo inteiro. Já temos prontas muitas ferramentas poderosas para criar nossa sociedade ética e pacífica. Entretanto, o potencial de algumas delas não está sendo totalmente aproveitado”.

Dalai Lama

A intenção de elucidar o que de fato se compreende por ética, conduziu, mais uma vez, à utilização da visão contemplativa e esclarecedora de Dalai Lama, pois é com maestria que este autor emprega belas e sábias palavras para descrever o conceito de ética, você não acha?

Dentro desse enfoque, é preciso compreender a importância de avaliar de maneira peculiar o que de fato corresponde ao que é possível e real ou o que se concentra em nosso imaginário e possa vir a ser fictício.

Para Beauclair (2004, p. 104), “a psicopedagogia pode e deve contribuir, principalmente se compreendemos que educar é, em síntese, humanizar o ser humano, o que torna ainda maiores nossos desafios como psicopedagogos”.

É preciso escolher entre fazer uma sociedade desigual com homens iguais, ou uma sociedade igual com homens desiguais. Quem tem só um pouco de gosto pela igualdade não deveria hesitar: os indivíduos são seres reais e a sociedade, uma ficção (RANCIÈRE, 2002, p. 183).

Com base nessa abordagem, Freire (1986) esclarece que, na medida em que o homem cria, recria e decide, vão se formando as épocas históricas. Ele cria, recria e decide como deve participar dessas épocas. Ainda nessa linha de pensamento, o autor acrescenta que é por isso que o homem obtém melhor resultado toda vez que, integrando-se no espírito dessas épocas, apropria-se de seus temas e reconhece suas tarefas concretas.

Para Beauclair (2004, p. 104), “a psicopedagogia pode e deve contribuir, principalmente se compreendemos que educar é, em síntese, humanizar o ser humano, o que torna ainda maiores nossos desafios como psicopedagogos”. Segundo o autor, o compromisso psicopedagógico é ainda maior, pois “a cada novo dia nada se repete, nada permanece, tudo se modifica, a não ser a nossa essência humana, perene e bela por si mesma” (BEAUCLAIR, 2004, p. 104).

Compromissado com a busca da competência profissional para que sua prática seja significativa, o profissional de psicopedagogia deve propor que suas formações sejam continuadas, instigantes, desafiadoras e problematizadas, disponibilizando a si mesmo e aos diferentes grupos com os quais interage, pontos de mobilização e de busca de possíveis soluções para que, à luz de referenciais práticos e teóricos, possa ser válido todo seu esforço e trajetória (BEAUCLAIR, 2004, p. 78).

O psicopedagogo necessita deste constante movimento de olhar novos horizontes e caminhos para trilhar, para abrir espaços não só objetivos como também subjetivos, onde a autoria e a autonomia de pensamento sejam uma concreta possibilidade (BEAUCLAIR, 2004, p. 30).

Com relação à atuação do psicopedagogo no âmbito institucional, é importante destacar, segundo Fernandez (2001), que na escola a psicopedagoga ou o psicopedagogo é alguém que convoca todos a refletirem sobre sua atividade, a reconhecerem-se como autores, a desfrutarem o que têm para dar. É alguém que permite a cada habitante da escola sentir a alegria de aprender para além das exigências de currículos e notas.

Sobre essa discussão, Meirieu (1998, p. 75) alerta que “no centro de aprendizagem, o que importa estabelecer é a ética”.

Para aprofundar seus estudos sobre o assunto, faça a leitura da dissertação intitulada “Contributos de Philippe Meirieu para uma pedagogia inovadora: da pedagogia magistral à pedagogia diferenciada”, autoria de Alexandra Maria Pereira de Jesus, disponível no seguinte endereço eletrônico: <<http://goo.gl/KhWWd6>>.



É importante respeitar a subjetividade durante o processo avaliativo, pois a prática da avaliação psicopedagógica deve ser coerente, tanto do ponto de vista conceitual quanto do metodológico, com a origem social do desenvolvimento e, portanto, da aprendizagem (COLL; MARCHESI; PALACIOS, 2004).

Até recentemente, a escola se ocupava, do ponto de vista formal, apenas das áreas denominadas acadêmicas. Diante desse pensamento, as dificuldades de aprendizagens pouco ou nada eram investigadas, uma vez que a essência de sua função era ensinar e avaliar com o objetivo de classificar e selecionar os alunos. Não pareceria particularmente preocupante se muitos deles não fossem aprovados. Nesse sentido, os alunos que apresentavam necessidades educativas especiais ou dificuldades gerais e específicas de aprendizagem eram levados para outras escolas especializadas em seu problema ou faziam parte do numeroso grupo de fracassados dentro do sistema escolar (COLL; MARCHESI; PALACIOS, 2004).

Baseando-nos nessa discussão, é importante lembrar que:

[...] é preciso estabelecer os termos de colaboração entre o professor e o psicopedagogo na avaliação das competências curriculares dos alunos. Não é uma tarefa simples e, seguramente, não é possível fixá-los de antemão. O que parece claro é que uma avaliação desse tipo adquire pleno sentido se for planejada, posta em prática e avaliada de forma conjunta entre o professor e o psicopedagogo. Fazer de maneira conjunta não significa que a participação dos dois profissionais tenha de ser necessariamente simétrica em todas as fases do processo; significa apenas que a colaboração é necessária e que só será obtida a partir da vontade e do trabalho, que permitirão encontrar as vias mais adequadas em cada caso (COLL; MARCHESI; PALACIOS, 2004, p. 113).

Portanto, a contribuição do psicopedagogo pode consistir mais em oferecer critérios psicopedagógicos para seleção das atividades, análise das causas que permitirão explicar o rendimento do aluno, busca das alternativas de resposta e na avaliação da virtude do processo (COLL; MARCHESI; PALACIOS, 2004).

Sabemos que na atuação profissional psicopedagógica, nos diversos contextos educacionais, uma função é determinante, qual seja, constituir e objetivar parcerias com todos os membros que fazem parte daquele determinado contexto institucional. Desse modo, quando há uma orientação para os professores, como, por exemplo, referente ao modo de avaliar um determinado sujeito em seu processo de ensino e aprendizagem, é preciso contar com o bom senso do outro, para que de fato as sugestões sejam aceitas e acatadas, pois, caso contrário, compromete-se o andamento das ações interventivas do profissional psicopedagogo.

Sabemos que na atuação profissional psicopedagógica, nos diversos contextos educacionais, uma função é determinante, qual seja, constituir e objetivar parcerias com todos os membros que fazem parte daquele determinado contexto institucional.

Pois bem, mas eis que não é tão simples assim conquistar a confiança do outro em relação aos comandos interventivos. Todavia, uma coisa é inegável, quando o nosso desejo esbarra no desejo do outro de também querer promover caminhos de possibilidades a qualquer sujeito em seu processo educacional, seja de maneira preventiva ou terapêutica, temos os mesmos propósitos e, dessa forma, estaremos “falando a mesma língua”, ok?

Diante desse pensamento, é necessário avaliar de maneira singular e sutil o que de fato provoca alguns percalços que possam comprometer os ânimos dos estudantes.

Assim, para compreender e filtrar melhor todas essas informações, vejamos os sete pecados capitais cometidos pelos educadores.

OS SETE PECADOS CAPITAIS DOS EDUCADORES



1 - Corrigir publicamente: um educador jamais deveria expor o defeito de uma pessoa, por pior que ela seja, diante dos outros. Valorizar mais a pessoa que erra do que o erro da pessoa.

2 - Expressar autoridade com agressividade: os que impõem sua autoridade são os que têm receio das suas próprias fragilidades. Para que se tenha êxito na educação, é preciso considerar que o diálogo é uma ferramenta educacional insubstituível.

3 - Ser excessivamente crítico: obstruir a infância da criança. Os fracos condenam, os fortes compreendem, os fracos julgam, os fortes perdoam. Os fracos impõem suas ideias à força, os fortes as expõem com afeto e segurança.

4 - Punir quando estiver irado e colocar limites sem dar explicações: a maturidade de uma pessoa é revelada pela forma inteligente com que ela corrige alguém. Jamais coloque limites sem dar explicações. Use primeiro o silêncio e depois as ideias. Diga o quanto ele é importante, antes de apontar-lhe o defeito. Ele acolherá melhor suas observações e o amará para sempre.

5 - Ser impaciente e desistir de educar: é preciso compreender que, por trás de cada jovem arredo, agressivo, há uma criança que precisa de afeto. Todos queremos educar jovens dóceis, mas são os

que nos frustram que testam nossa qualidade de educadores. São os filhos complicados que testam a grandeza do nosso amor.

6 - Não cumprir com a palavra: as relações sociais são um contrato assinado no palco da vida. Não quebre. Não dissimule suas reações. Seja honesto com os educandos. Cumpra o que prometer. A confiança é um edifício difícil de ser construído, fácil de ser demolido e muito difícil de ser reconstruído.

7 - Destruir a esperança e os sonhos: a maior falha que podem cometer é destruir a esperança e os sonhos dos jovens. Sem esperança não há estradas, sem sonhos não há motivação para caminhar. O mundo pode desabar sobre uma pessoa, ela pode ter perdido tudo na vida, mas, se tem esperança e sonhos, ela tem brilho nos olhos e alegria na alma.

Fonte: Cury (2003, p. 85-102).

Ainda no pensamento de Cury (2003, p. 83), “todos erram: a maioria usa seus erros para se destruir; a minoria, para se construir. Estes são os sábios”. Partindo desse pressuposto, educar não é sinônimo de acertar, mas sim de rever os pontos falhos e consertá-los ou, ao menos, não os repetir. Com base nesse conhecimento, os educadores crescem no seu propósito de mediar conhecimentos. Para Cury (2003, p. 16), “atualmente não basta ser bom, pois a crise da educação impõe que procuremos a excelência”. Prossegue dizendo que “os professores precisam incorporar hábitos dos educadores fascinantes para atuar com eficiência no pequeno e infinito mundo da personalidade dos seus alunos” (CURY, 2003, p. 16).

Um excelente educador não é um ser humano perfeito, mas alguém que tem serenidade para se esvaziar e sensibilidade para aprender.

O olhar de Cury (2003, p. 16) sobre os professores aponta que “precisamos ser educadores muito acima da média se quisermos formar seres humanos inteligentes e felizes, capazes de sobreviver nessa sociedade estressante”. Ele conclui, dizendo que “um excelente educador não é um ser humano perfeito, mas alguém que tem serenidade para se esvaziar e sensibilidade para aprender” (CURY, 2003, p. 17).

Dessa forma, tenha claro que a cada passo que avançamos no campo da Psicopedagogia, com relação às avaliações e aos tratamentos terapêuticos preventivos e interventivos, uma nova reflexão deve ser feita por nós, para analisarmos e ponderarmos nossos avanços, bem como nossas falhas. Com essa

atitude, gradativamente ganhamos confiança no exercício da profissão, bem como firmamos boas práticas e parcerias. Indiscutivelmente a qualidade de nossas ações fará toda a diferença, pois a obtenção do sucesso nesses movimentos, sem sombra de dúvidas, será por puro mérito de competência e não por quantidade de atendimentos psicopedagógicos realizados.

E, por falar em qualidade, durante todo o processo de intervenção psicopedagógica deveremos nos manter, no mínimo, discretos em nosso modo de agir e interpretar outros sujeitos. Não cabe ao psicopedagogo qualquer hipótese de julgamento. As demonstrações de nosso caráter pessoal e profissional devem estar bem alinhadas e afinadas, para não correr o risco de uma exposição desnecessária.

A figura de um sujeito íntegro deve ser mantida em todas as áreas em que nos envolvemos, seja nas relações pessoais e sociais, bem como no âmbito do trabalho psicopedagógico. A forma de comunicação também deve ser revista, principalmente em canais de redes sociais, onde a exposição é bem mais intensa. Quando agimos com discrição, nossa descrição é mais prudente. Ao tomar esse cuidado, dificilmente vamos nos comprometer com eventuais desconfortos profissionais ou situações embaraçosas.

Fique atento! Nossos movimentos e comportamentos são constantemente monitorados por quem desperta interesse em criar algum laço conosco, seja no campo pessoal, seja no profissional. Esse processo acontece com treinamento e policiamento de nossas ações. É treino adquirido quando conseguirmos finalmente nos resguardar de falas ou discussões inapropriadas.

Nossos movimentos e comportamentos são constantemente monitorados por quem desperta interesse em criar algum laço conosco, seja no campo pessoal, seja no profissional.

Outro ponto importante: não deveremos e não poderemos, em hipótese alguma, permitir-nos sair por aí compartilhando informações advindas de conversas informais, ou pior ainda, adquiridas em entrevistas com os familiares do sujeito sobre o qual estamos intervindo. Cabe apenas aos psicopedagogos apontar as possibilidades e não jogar aos ventos a “escuta” psicopedagógica. Portanto, tenha sempre em mente que a discrição é uma conduta favorável na ação psicopedagógica, pois tal qualidade deverá permanecer como companheira inseparável da ética profissional psicopedagógica.

Compreenda que sem discrição não haverá zelo por resguardo de informações ou situações que só competem aos poucos envolvidos nos processos. A ausência de uma postura discreta insulta de maneira vergonhosa nossa capacidade de guardar os segredos que foram confiados no exercício da atuação da profissão. A quebra de sigilo também rompe a confiança relacional, comprometendo de modo irreparável a continuidade do trabalho ou, pior ainda, em alguns casos, ocasionar a ausência de conclusão destes.

É importante destacar que ser sigiloso não significa ser negligente; significa sim ser prudente. Usar da virtude da prudência significa compreender que é somente na certeza que nos apoiaremos; na presença da dúvida, calaremos. Não há consentimento, mas sim reorganização das informações para reafirmar dados importantes, como também reeditá-los às novas possibilidades. Dessa forma, será possível apontar novos caminhos para alcançar bons resultados no processo de aprendizagem que está sendo investigado.

Fernandez (1990, p. 131), referente à intervenção psicopedagógica, alerta:

A intervenção do psicopedagogo no primeiro momento da relação com o paciente, supõe escutar-olhar e nada mais. Escutar não é sinônimo de ficar em silêncio, como olhar não é de ter os olhos abertos. Escutar, receber, aceitar, abrir-se, permitir, impregnar-se. Olhar, seguir, procurar, incluir-se, interessar-se, acompanhar. O escutar e o olhar do terapeuta vai permitir ao paciente falar e ser reconhecido, e ao terapeuta compreendera mensagem.



Para aprofundar seus estudos, sugerimos a leitura da seguinte obra:

FERNANDEZ, Alicia. **Os idiomas do aprendente**: análise das modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação. Tradução de Neusa Kern Hickel e Regina Orgler Sordi. Porto Alegre: Artmed, 2001.

Para refletir um pouco mais sobre as discussões levantadas até aqui, apresentamos a música intitulada “Tocando em frente”, dos compositores Almir Sater e Renato Teixeira.

Trata-se de uma composição que contempla, em sua essência, a supremacia moral, fazendo-nos perceber que “ser” é um milhão de vezes mais essencial que “ter”. Veja:



TOCANDO EM FRENTE

Ando devagar
 Porque já tive pressa
 E levo esse sorriso
 Porque já chorei demais
 Hoje me sinto mais forte
 Mais feliz, quem sabe
 Só levo a certeza
 De que muito pouco sei
 Ou nada sei
 Conhecer as manhas
 E as manhãs
 O sabor das massas
 E das maçãs
 É preciso amor
 Pra poder pulsar
 É preciso paz pra poder sorrir
 É preciso a chuva para florir
 Penso que cumprir a vida
 Seja simplesmente
 Compreender a marcha
 E ir tocando em frente
 Como um velho boiadeiro
 Levando a boiada
 Eu vou tocando os dias
 Pela longa estrada, eu vou
 Estrada eu sou
 Conhecer as manhas
 E as manhãs
 O sabor das massas
 E das maçãs
 É preciso amor
 Pra poder pulsar
 É preciso paz pra poder sorrir
 É preciso a chuva para florir
 Todo mundo ama um dia
 Todo mundo chora
 Um dia a gente chega
 E no outro vai embora
 Cada um de nós compõe a sua história
 Cada ser em si
 Carrega o dom de ser capaz
 E ser feliz
 Conhecer as manhas
 E as manhãs

O sabor das massas
E das maçãs
É preciso amor
Pra poder pulsar
É preciso paz pra poder sorrir
É preciso a chuva para florir
Ando devagar
Porque já tive pressa
E levo esse sorriso
Porque já chorei demais
Cada um de nós compõe a sua história
Cada ser em si
Carrega o dom de ser capaz
E ser feliz

Fonte: Disponível em: <<https://goo.gl/AemjgZ>>. Acesso em: 07 mar. 2016.

Gostou da letra dessa música? Muito oportuna para a nossa discussão, não é mesmo? Principalmente quando lemos a estrofe que diz: “cada um de nós compõe a sua história, cada ser em si, carrega o dom de ser capaz, e ser feliz”, pois apenas nessa frase encontramos inúmeras reflexões. Se somos nós que compomos nossa história, caberá também a nós editá-la e reeditá-la quantas vezes forem necessárias para harmonizar nossas expectativas e desejos. Faz-se sentido esse pensamento, não é mesmo? Tudo isso fecha com a ideia de que a felicidade é uma condição humana que depende de nossas escolhas diárias, escolhas estas que devem ser constantemente reavaliadas e revistas, certo?

No campo da Psicopedagogia também não pode ser diferente nossa condição humana de encarar a vida. Há muito que considerar na letra dessa música, com, por exemplo, a práxis psicopedagógica. Perceba uma das razões: ao conhecermos, interpretarmos e compreendermos melhor o “outro” daremos também a nós a chance de nos reavaliar. Dessa forma, tornamo-nos mais humildes e altruístas. Lembre-se de que ainda há muito para buscar, muito que aprender e, como diz um dos versos dessa música, sabendo que “muito pouco eu sei, que nada sei”.

Seguindo esse pressuposto, sugerimos nunca acreditar que já está “pronto”, mas sim em constante aprendizado, em constante busca por maior aperfeiçoamento profissional!



Atividade de Estudo:

Prezado(a) pós-graduando(a), que tal agora dar uma pausa na leitura e realizar uma atividade de percepção, concentração e atenção? Para isso, reconheça algumas palavras que foram destacadas ao longo deste capítulo e que possuem alguma relação com a Psicopedagogia. Em seguida, localize-as no caça-palavras que segue. Vamos começar!

ALTRUIZMO - APRENDIZAGEM - COMPETÊNCIA -
 COMPROMETIMENTO - DISCIPLINA - ENSINO - ENTUSIASMO -
 ESTÍMULO - ÉTICA - FELICIDADE -
 HUMANO - INCLUSÃO - INTERVENÇÃO - MORAL - PARCERIA -
 POSSIBILIDADE - PREVENÇÃO - PRINCÍPIOS -
 PSICOPEDAGOGIA - RESPEITO - RESPONSABILIDADE -
 SOCIEDADE - TOLERÂNCIA - VALORES - VIRTUDE.

E	Z	X	B	R	E	S	P	O	N	S	A	B	I	L	I	D	A	D	E
N	H	C	O	M	P	R	O	M	E	T	I	M	E	N	T	O	F	E	K
T	F	I	N	T	E	R	V	E	N	Ç	Ã	O	Z	R	O	W	A	S	A
U	Q	S	D	U	P	X	W	G	L	J	H	U	M	A	N	O	J	T	L
S	R	A	M	R	S	O	C	I	E	D	A	D	E	E	I	S	Ç	Í	T
I	T	Q	T	V	I	R	T	U	D	E	R	L	É	L	U	B	J	M	R
A	O	Ç	R	T	C	O	L	R	I	U	O	S	T	B	N	F	P	U	U
S	L	D	O	T	O	S	M	Q	G	A	N	S	I	E	S	C	V	L	Í
M	E	R	G	C	P	T	U	A	M	P	I	N	C	L	U	S	Ã	O	S
O	R	E	S	P	E	I	T	O	G	R	A	U	A	U	T	R	K	Y	M
S	Ã	U	U	A	D	B	S	G	A	E	P	R	E	V	E	N	Ç	Ã	O
H	N	L	I	D	A	D	P	R	I	N	C	Í	P	I	O	S	A	Y	E
D	C	E	T	W	G	B	W	N	E	D	R	V	A	L	O	R	E	S	S
K	I	U	H	A	O	Y	R	D	D	I	S	C	I	P	L	I	N	A	X
E	A	T	O	J	G	C	O	S	O	Z	X	O	E	Y	O	D	A	O	F
F	E	L	I	C	I	D	A	D	E	A	U	G	O	A	R	U	Z	X	M
A	N	C	O	S	A	G	I	D	T	G	E	M	O	E	N	S	I	N	O
M	S	E	B	U	I	P	A	R	C	E	R	I	A	U	W	E	T	Z	R
C	A	V	U	A	P	U	Z	C	O	M	P	E	T	Ê	N	C	I	A	A
P	O	S	S	I	B	I	L	I	D	A	D	E	C	A	O	E	T	O	L

Ao inclinarmos nosso olhar e escuta psicopedagógica aos diversos movimentos que resultam no favorecimento do processo de ensino e aprendizagem de um outro sujeito, estaremos praticando a empatia, a ética e a moral humana.

De outro lado, ao nos distanciarmos dessa prática ou negarmos os procedimentos psicopedagógicos, estaremos, sem sombra de dúvidas, sendo antiéticos e pouco ou nada profissionais. Nesse sentido, a formação de qualquer interessado em praticar a Psicopedagogia deve configurar uma contínua e incessante busca por embasamentos teóricos que possam fortalecer a caminhada e direcionar ou redirecionar nossas ações para o “bem comum”, pois, caso contrário, correremos sério risco de sermos apenas “mais um” no campo da Psicopedagogia.

Portanto, ouça a voz do coração, pois não podemos nos desvencilhar de nossas emoções em nossa escuta psicopedagógica. Somos humanos e nos reconhecemos nessa condição. Entretanto, a entrega só acontece quando temos propósitos bem definidos e alinhados. De nada adianta termos todas as teorias estudadas e compreendidas, todas as dúvidas esclarecidas, toda a capacidade mental adquirida, quando não temos o dom da ação com emoção, não temos entusiasmo em exercer tais funções. Por tais razões, é imprescindível a práxis, pois é na prática que confrontamos com os nossos maiores medos e inseguranças, mas é também por meio dela que aprendemos a dominar e a superar tais sentimentos. A grandeza do ser humano não está em sua força estética, mas em sua força interior, uma vez que para esta a fragilidade só existe quando o controle emocional perde equilíbrio por falta de desejo e motivação.

Exercer com discernimento, comprometimento e responsabilidade o papel que cabe ao profissional psicopedagogo, é algo imprescindível e inadiável. Esperamos que você possa ter compreendido isso, bem como possa ter relacionado com a importância de uma postura ética como profissional psicopedagogo educacional.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Então, fica a dica! Enfrente seus medos, encare seus desafios diários, reflita continuamente sobre todos os aspectos pessoais e profissionais. Reveja seus conceitos, reorganize seus princípios e tenha uma participação mais efetiva nas escolhas de suas ações. Nunca deixe de perguntar, com sua voz interior, se você está bem, se a felicidade está presente em seu semblante, se sua condição humana está preservada e se seu “ser” se encontra em sincronia com o seu “fazer”. Com esses movimentos não restará dúvida de que o trajeto escolhido é o mais gratificante pessoal, profissional e emocionalmente. Harmonizando todos os segmentos, o sucesso é garantido!

Pois bem, é nessa condição autoavaliadora que nos colocamos à disposição de novos saberes e de novas informações, remodelando o modo de ser e de agir. O espetáculo da vida não se encerra neste último ato, pois ele certamente se deslumbrará no final dos seus estudos neste curso de especialização em Psicopedagogia. Permaneça confiante e prossiga com entusiasmo, empenho e dedicação!

“Se o tempo envelhecer o seu corpo, mas não envelhecer a sua emoção, você será sempre feliz”.

Augusto Jorge Cury

REFERÊNCIAS

AMORIN NETO, R. do C.; ROSITO, M. M. B. **Ética e moral na educação**. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

BEAUCLAIR, J. **Psicopedagogia: trabalhando competências, criando habilidades**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2004.

BOSSA, N. A. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

CHRAIM, A. de M. **Família e escola: a arte de aprender para ensinar**. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

COLL, C.; MARCHESI, Á.; PALACIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais**. Tradução de Fátima Murad. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

CURY, A. J. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DALAI LAMA. **Uma ética para o novo milênio: sua santidade, o Dalai Lama**. 7. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

FERNANDEZ, A. **Os idiomas do aprendente: análise das modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação**. Tradução de Neusa Kern Hickel e Regina Orgler Sordi. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família**. Tradução de Iara Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

MEIRIEU, P. **Aprender... Sim, mas como?** 7. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

PEGORARO, O. A. **Ética e justiça**. Petrópolis: Vozes, 1995.

QUEIROZ, T. D.; RIBEIRO, P. A. **A magia das virtudes**. São Paulo: Rideel, 2002.

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SAID, S. **Meu coração perguntou I: o significado das virtudes**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **Meu coração perguntou II: o poder secreto das virtudes**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.